

Memórias do Xingu



Elaboração:

Inteceleri



www.inteceleri.com.br
contato@inteceleri.com.br

Arte:



www.muirak.com.br
muirakstudio@gmail.com.br

Memórias do Xingu

Projeto: Narradores Locais: Narrações de fatos notáveis (Fatos Reais, Contos Reais, Lendas Locais, Narrativas de Viagem e Causos Locais), ocorridos na vida do Povo de Souzel – Senador José Porfírio – PA.



Senador José Porfírio-PA



Governo do Estado do Pará: **Simão Jatene**

Prefeito Municipal de Senador José Porfírio: **Carlos José da Silva (Fernando Uchôa)**

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

Secretária Municipal de Educação: **Márcia de Oliveira Cabral Vasconcelos**

Coordenador de Administração e Finanças: **Auristério Lima Mendes**

Divisão de Gestão de Pessoas: **Leonardo Perickson de Oliveira Pena**

Divisão de Finanças: **Diego da Silva Gil**

Setor de Transporte Escolar: **Mariusa Pereira Guimarães**

Divisão de Alimentação Escolar: **Raimunda do Socorro Gil David**

Coordenador de Planejamento: **Salomão Barradas de Sousa**

Divisão de Projetos, Convênios e Programas: **Enedina Gomes Vieira**

Coordenador de Ensino: **Luiz Odivaldo Sales Pena**

Divisão de Educação no Campo:

Setor de Zona Rural I: **Gisele Evangelista Pereira**

Setor de Zona Rural II: **Maria Benedita Rodrigues Fonseca**

Coordenadora da área indígena: **Maria Benedita Rodrigues Fonseca**

Coordenadores Pedagógicos:

- **Darlene Maria Darlene Gil de Sousa** – PNAIC - Setor de Zona Rural I.

- **Iracilda Silva de Souza** – Mais Educação

- **Sandra Maria da Silva Gil** – PNAIC – Zona Urbana

- **Silvio Macêdo Xavier** – PNAIC – Coordenador Municipal

- **Vanusa Ferreira Alencar** – PNAIC - Setor de Zona Rural II

Secretaria Escolar Rural:

- **Antônia Silva Barbosa**

- **Luécia TÁCILA Sales Pena**

- **Sinara de Sousa Neres**

Organização: Luiz Pena

Autores:

Andreyana Victoria Silva Araújo

Aroldo Gomes Malaquias

Camila Vitória de Sousa Moraes

David Willian Silva.

Gabriela Vailante

Geicimar Santos

Joinara Soares da Silva

Josiana Gomes Teixeira

Luiz Pena

Maria Lúcia Mendes Cordeiro

Maria Macilene da Silva Silva

Paula Rayanna Ferreira da Silva

Saylane Gomes Machado

Vanderley de Sousa Silva

Vilma Souza Braga

Professores:

Domingas Páschoa Covre Noqueira.

Lucilene Nascimento Costa

Clycilene Lobo da Silva

Jânio Fontineles da Silva

Gisele Evangelista Pereira

Maria Benedita Rodrigues Fonseca

Adelson Luiz Bayma da Silva

Tâmara Cristiane da Silva Rabelo

Cristiane Lourdes Moraes de Almeida

Acadêmicos do Curso de Letras PARFOR/2014

Enedina Gomes Vieira

Fabiana de Castro Feiteiro

Gelson Alves de Oliveira

Luiz Odivaldo Sales Pena

Mariusa Pereira Guimarães

Raimunda do Socorro Gil David

Salomão Barradas de Sousa.

"Ninguém pode construir em teu lugar
as pontes que precisarás passar para
atravessar o rio da vida - ninguém, exceto
tu, só tu. Existem por certo atalhos sem
número, e pontes, e semideuses que se
oferecerão para levar-te além do rio; mas
isso te custaria a tua própria pessoa; tu
te hipotecarias e te perderias. Existe no
mundo um único caminho por onde só tu
podes passar. Onde leva? Não perguntes,
segue-os".

NIETZSCHE



Agradecimento

AGRADECEMOS aos educadores que foram muito mais do que simples professores. Durante toda a caminhada foram privilegiados de caminhar e conviver com pessoas tão ímpares, dotados de imagináveis carismas e inteligência, aqueles que nem sempre dispuseram dedicação e apoio que em algum momento necessitamos, ainda assim agradecemos.

Vocês são exemplos para nós e, assim, sempre serão. A equipe de trabalho, agradecemos pela dedicação, confiança por tantos obstáculos que enfrentamos em nosso dia-a-dia.

Por fim, gostaria imensamente de deixar o meu, MUITO OBRIGADA, a vocês, que são a alma dos nossos alunos.

Abraços

Márcia de Oliveira Cabral Vasconcelos
Secretária Municipal de Educação de Senador José Porfírio – PA.

Apresentação

Este livro é resultado de um projeto realizado pelos professores e professoras da Rede Municipal de Ensino de Senador José Porfírio, juntamente com estudantes do 6º ao 9º ano e apoiado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

O projeto intitulado, Narradores Locais foi elaborado pela Coordenadoria de Ensino da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) com o propósito de minimizar os problemas de Leitura, Escrita, e Oralidade enfrentados pelos estudantes.

O objetivo do projeto era realizar narrativas locais, como: **Lendas Amazônicas**, **Fatos importantes ocorridos na comunidade**, **Causos** (contos narrados com exageros), **Contos Históricos** (narrativas sobre a história do lugar), **Contos de Viagem** (narrativa da migração para o lugar), ou seja, os estudantes deveriam realizar entrevistas com diversas pessoas de várias idades da comunidade onde residem e ouvirem seus relatos de memórias, depois, gravar em um aparelho eletrônico (celular, ou outro) ou escrever os referidos relatos, para em seguida organizarem os textos em forma de narrativas.

Dessa forma, o projeto foi desenvolvido e realizado no ano de 2015, tendo como locus as Escolas Municipais situadas no campo e ribeirinhas.

O projeto foi um sucesso na aprendizagem da leitura e escrita dos estudantes, sendo que em 2015, o município de Senador José Porfírio teve o

melhor resultado em Língua Portuguesa do 6º ao 9º na Prova SisPAE (Sistema Paraense de Avaliação Educacional), e na Prova Brasil obteve a melhor média em Língua Portuguesa no 9º ano, ultrapassando todos os municípios da regional Xingu.

Este livro servirá como uma forma de despertar nos jovens estudantes o interesse pela escrita e incentivá-los para realizarem produções literárias, constituindo assim uma maneira de registrar a memória local da região, serve também como uma fonte de pesquisa e valorização por parte da Secretaria Municipal de Educação das produções literárias dos estudantes.

O Município de Senador José Porfírio pertence à microrregião de Altamira, no sudoeste paraense, limitando-se a Norte com o município de Porto de Moz e Portel, ao Sul com São Felix do Xingu, a Leste com Anapu e Pacajá, e a Oeste com Altamira. Senador José Porfírio, está situado na zona do Xingu, é de recente criação, foi emancipado em 29 de dezembro de 1961, pela Lei Estadual nº 2.460. Entretanto, as suas origens históricas remontam época da colonização do estado do Pará. A cidade (sede do município) está situada à margem direita do Rio Xingu, entre as cidades de Vitória do Xingu e Porto de Moz.

Professor: Luiz Odivaldo Sales Pena

Narradores Locais

Narradores Locais: é um projeto que tem o objetivo de desenvolver a Leitura, a Escrita e a oralidade por parte dos estudantes matriculados na Rede Municipal de Ensino do Município de Senador José Porfírio, com foco principal nos estudantes de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O projeto foi idealizado a partir da Disciplina: Produção de Textos, ministrada pelo professor Adelson Luiz Bayma da Silva, nas aulas do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, PARFOR, Senador José Porfírio, turma 2014.

A iniciativa do projeto foi dos Acadêmicos do Curso de Letras PARFOR, Universidade Federal do Pará. Fabiana de Castro Feiteiro, Gélson Alves dos Santos, Luiz Odivaldo Sales Pena, Mariusa Pereira Guimarães, Raimunda do Socorro Gil David e Salomão Barradas de Sousa.

O projeto tem também como objetivo, organizar aulas dinâmicas onde os estudantes possam realizar narrativas das comunidades localizadas no campo, onde residem partindo do conhecimento empírico e da sua realidade.

O Projeto teve início no ano de 2015, com um grande empenho dos professores e coordenadores das escolas e a vontade dos estudantes, os objetivos traçados foram alcançados.

Inicialmente a intenção não era a produção de um livro, era aquisição por parte dos estudantes das competências e habilidades em planejar, produzir, reescrever, revisar, editar textos.

Porém, após o encerramento do projeto, observou-se um desenvolvimento espetacular na escrita dos estudantes, foi aí que surgiu a ideia de organizar as narrativas em um livro para servir de registro das histórias e também servir como uma forma de valorização do trabalho dos estudantes.

Para quem gosta de uma leitura da realidade, marcada pelos traços de contadores de causos, esta é uma boa oportunidade para deleitar-se em uma boa leitura.

Vale a pena conhecer a realidade do povo que habita a região Xingu, é uma oportunidade para conhecer as histórias locais contadas pelos próprios moradores mais experientes e narradas pelos estudantes.

Este trabalho, certamente marcará uma época e ficará eternizada, onde o conhecimento popular se perpetuará por muito tempo e jamais será esquecido por outras gerações.

O Livro é composto de Fatos Reais, Contos Reais, Lendas Locais, Narrativas de Viagem e Causos Locais.

Professor: Luiz Odivaldo Sales Pena



Sumário

O Sino de Ouro -----	10
Por que Rio Tamanduá -----	14
As cobras -----	16
O Cobrão do Xingu -----	18
Festa de Santa Luzia -----	22
Da cidade ao campo -----	26
O homem que fazia cigarros usando páginas da Bíblia -----	28
Distrito Alto Brasil e sua história -----	30
Tempos difíceis na minha vida -----	32
A Tragédia do dia 23 de dezembro de 2013 -----	36
A Lenda da Bicicleta -----	42
A Lenda do Capelobo -----	44
A Morte Misteriosa -----	48
A Pescaria com Poronga. -----	50
O Rio Xingu e as “algas de março” (Crônica) -----	54
Meu lugar é assim (Poema) -----	58
A febre do ouro na Ressaca -----	62
A bolha -----	66

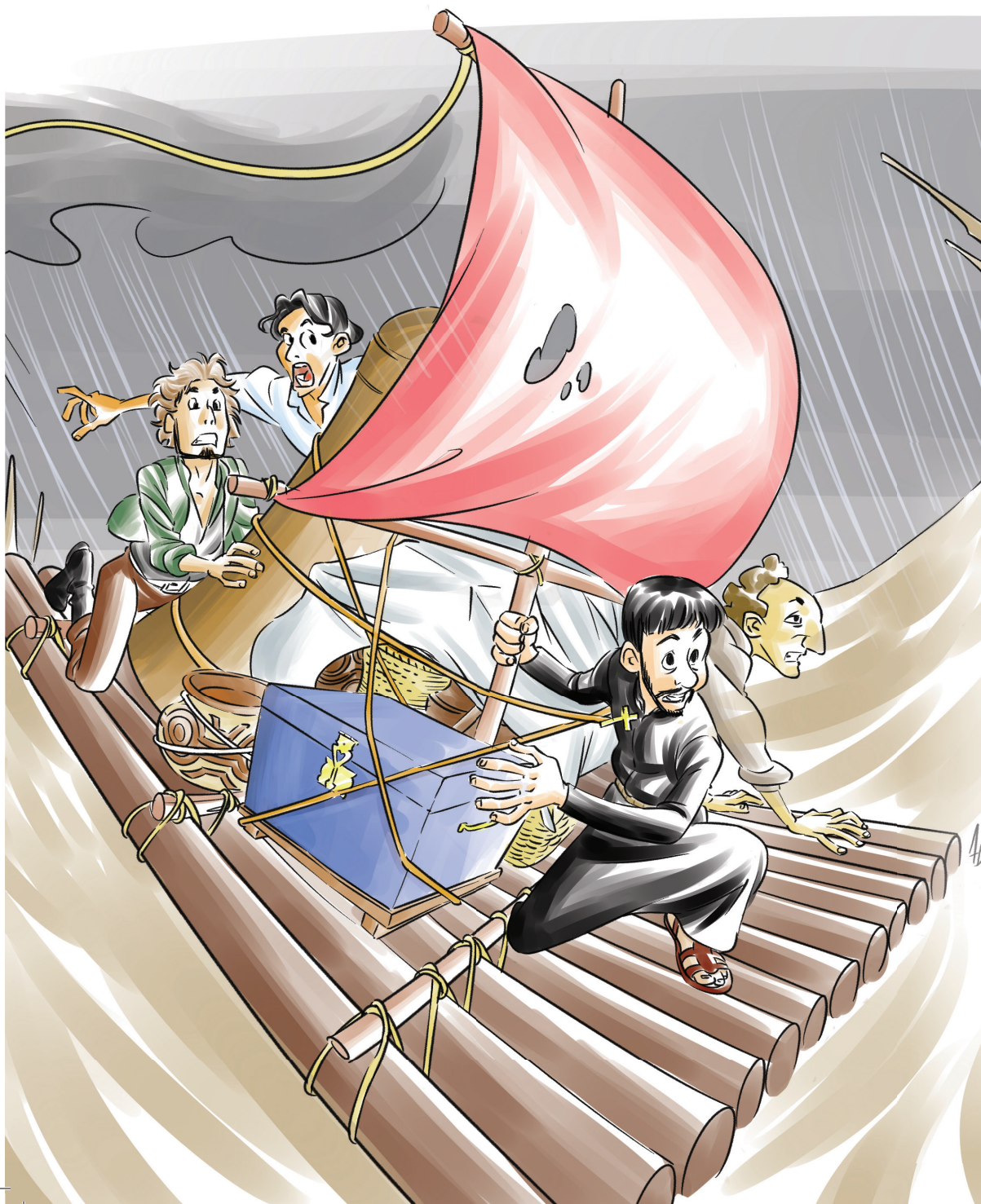


O Sino de Ouro

No ano de 1639, chegaram os Jesuítas portugueses, do lado esquerdo do rio Xingu, próximo a localidade de nome Kakarapi e formaram um tipo de comunidade denominada de Freguesia de São Francisco de Souzel, antiga aldeia dos índios Aricarís.

Em 1758 a freguesia, foi citada como vila pelo do Estado do Pará da época Francisco Xavier Mendonça Furtado. O lugar era muito impróprio para atracar e guardar as embarcações e muito vulnerável principalmente no inverno aos fenômenos naturais (tempestades e ataques de índios), por esses motivos os missionários guiados pelo Jesuíta Torquato de Sousa, formaram uma equipe e saíram à procura de um lugar seguro do outro lado do rio, ou seja, a margem direita, sendo mais adequada e segura o ano todo.



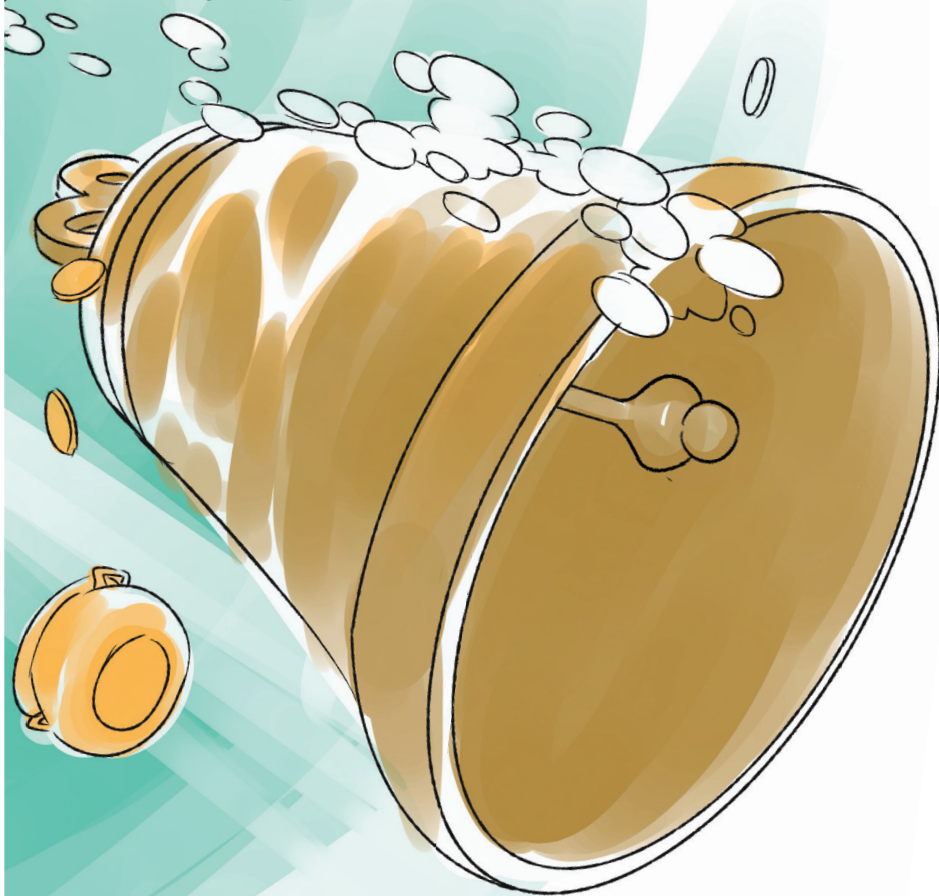


Dessa forma, eles resolveram atravessar o rio que mede mais de 14 km de largura, a primeira tentativa se deu no mês de março no ano de 1846, a viagem se tornou um fracasso por causa da tempestade que fez com que eles perdessem metade das embarcações, mesmo assim improvisaram muitas jangadas feitas de madeira leve.

Quando já estavam na metade do rio, caiu um grande vendaval com muita chuva, e perderam quase tudo o que traziam, principalmente alguns acessórios de igreja como: imagens de santos, pequenos badalos e até UM GRANDE SINO, que pesava quase 500 kg (meia tonelada), esculpido em ouro e bronze, todos trazidos de Portugal. Só conseguiram salvar algumas imagens de Santos, onde a maior delas é a do Senhor Morto, esculpida em madeira nobre, vinda da Europa, medindo 1,70 (um metro e setenta centímetro). Esta imagem é conservada até hoje na Igreja Matriz local, as pessoas antigas dizem que foi a fé nessa imagem que salvou a equipe do naufrágio.



Meses depois, juntaram-se novamente para uma nova viagem em direção ao outro lado do rio, agora como dizem os mais antigos “abeirando” a margem, subindo em direção sul, rumo a boca das ilhas, mais precisamente em direção a ilha do Cipó Pitanga de fora, Embaubal e boca do Cajueiro, como são conhecidas essas ilhas, e foi assim que conseguiram chegar ao local onde está edificada “Souzel” a sede do Município de Senador José Porfírio, um lugar bastante seguro para ser habitado.



Já ouvi relatos de diversos pescadores que por muitas vezes ouviram os badalos de sinos no meio do rio, quando estavam pescando ou passando nas proximidades de onde o sino caiu.

Narrado por Elomar Moreira de Sousa
e Alvimar Moreira de Sousa.
Escrito por Luiz Pena



Por que Rio Tamanduá



Segundo moradores mais antigos, o nome do rio surgiu a partir de uma “caçada”, eles contam que um homem estava caminhando pela mata e encontrou um enorme Tamanduá que estava atrás de uma árvore.

O caçador pegou sua espingarda e matou o bicho, voltou para sua casa e falou para sua esposa que ele tinha matado um Tamanduá. A esposa muito curiosa para ver que bicho seu esposo havia matado, foi logo olhando, quando ela avistou o tamanduá, disse esse lugar ainda não tem nome, pois seu nome será agora “Rio Tamanduá”. Assim se deu a história.





Estudante: Aroldo
Gomes Malaquias
Escola: Escola
Municipal de Ensino
Fundamental Sol
Elarrat Canto - Campo I



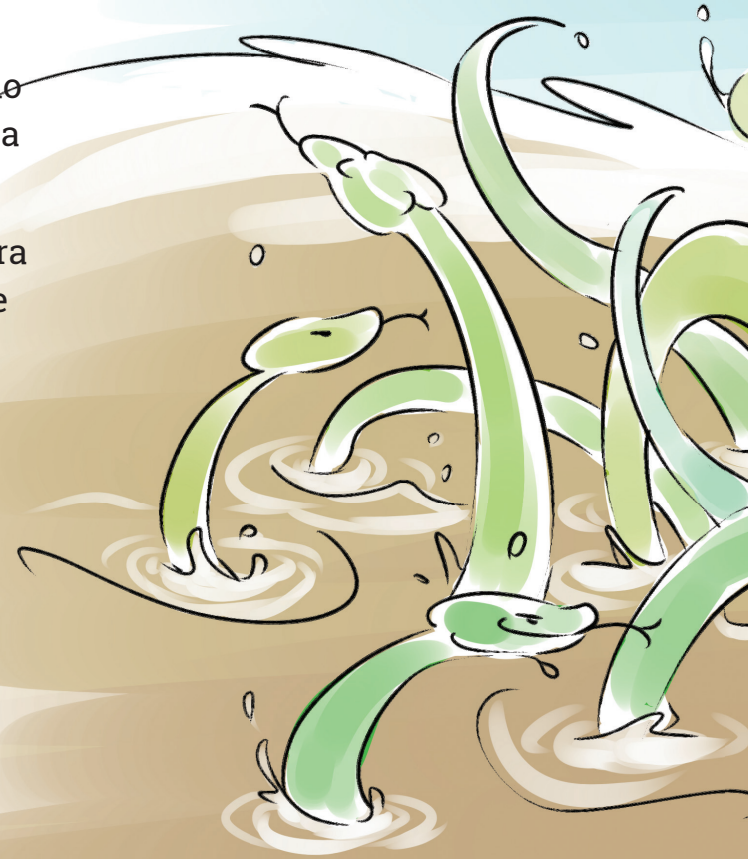
As Cobras

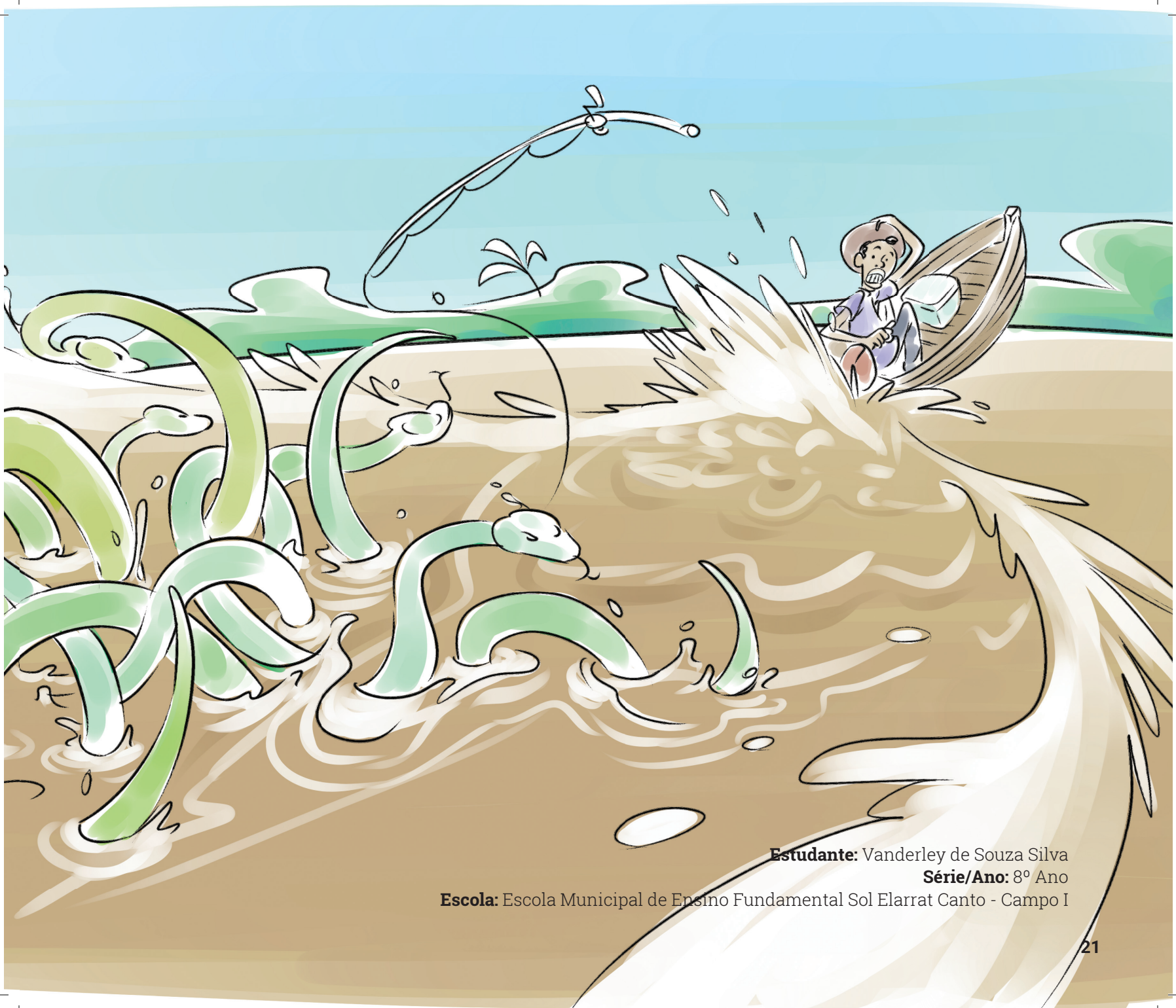
Certos dias, dois pescadores saíram para pescar, eles foram em direção de um igarapé bem estreito, quando de repente avistaram bolhas de água saindo do fundo do rio, um dos pescadores andava com uma vara e enfiou para o fundo.

Horas depois, quando os pescadores voltaram para suas casas um deles começou a sentir dor de cabeça e febre.

No dia seguinte, outro pescador foi pescar, no mesmo local, chegando lá jogou sua linha de pesca para o fundo do rio, nessa hora engatou um negócio estranho na sua linha e começou a soltar bolhas grandes do fundo do rio, ele rapidamente cortou a linha e foi ficar olhando de longe. Ele observou várias cobras pequenas saindo do fundo, então rapidamente ele ligou o motor e foi embora daquele lugar.

Segundo, algumas pessoas, naquele local, existe, uma "cobra grande". As pessoas já deixaram de pescar naquele local, pois se insistir em pescar poderá acontecer coisa pior.





Estudante: Vanderley de Souza Silva

Série/Ano: 8º Ano

Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Sol Elarrat Canto - Campo I



O Cobrão do Xingu

Na década de 1990, sobre o leito do Rio Xingu, aconteceu um fato que até hoje, não sai da memória das pessoas que vivenciaram o acontecido.

Nilson e sua família moravam em uma localidade chamada “Cuieiras” que ficava as margens esquerda do Rio Xingu. Era de costume saírem de madrugada para a cidade de Vitória do Xingu, devido o desconforto que era viajar durante o dia, e também devido o forte vento durante o dia ocasionando a “brabeza” das águas, visto que a noite o rio tornava-se mais calmo e tranquilo.

Certa noite, seu Nilson chama sua esposa e fala:

- Francisca, temos que ir para Vitória



comprar o “rancho” (alimentação), pois já estamos sem nada em casa.

Ela, então, falou:

- Tudo bem! Vamos sair que horas?

Seu Nilson, respondeu.

- Vamos sair às três horas, por causa do Sol nas crianças.

Às três horas, Francisca acordou as crianças, enquanto o marido foi arrumar a canoa, o remo e a cuia, que eram utensílios necessários para a viagem.

Depois, de arrumarem tudo, saíram rumo a Vitória do Xingu, na hora de atravessar o rio, parecia que estava tudo tranquilo. Seu Nilson olhou para trás, e viu algo parecido com focos de lanterna, algo avermelhado no meio do rio. Então, ele falou:

- Mulher! Vamos remar mais rápido.

E a mulher retrucou:

- Por quê? Você viu alguma coisa?





Ele respondeu:

- Não!

O homem para não deixar seus sete filhos e sua esposa apavorados, não falou do que só ele tinha visto.

Ao chegar do outro lado, já cansado de tanto remar, encostou a canoa em uma rama, para descansar, depois de pouco tempo, passou um enorme “banzeiro” que quase alagou a canoa.



Era uma cobra enorme que passava descendo o rio naquele momento.

Depois do susto, a família seguiu a viagem e nunca mais quiseram arriscar suas vidas atravessando o Rio Xingu de madrugada.

Por isso, decidiram, então, morar às margens direita do rio, para não ter atravessar o rio e nunca mais também saíram durante a noite.

Estudante: Saylane Gomes Machado

Professora: Domingas Páschoa Covre Noqueira

Série/Ano: 9º ano

Escola: EMEF. Francisco Merêncio da Silva - Campo I



Festa de Santa Luzia

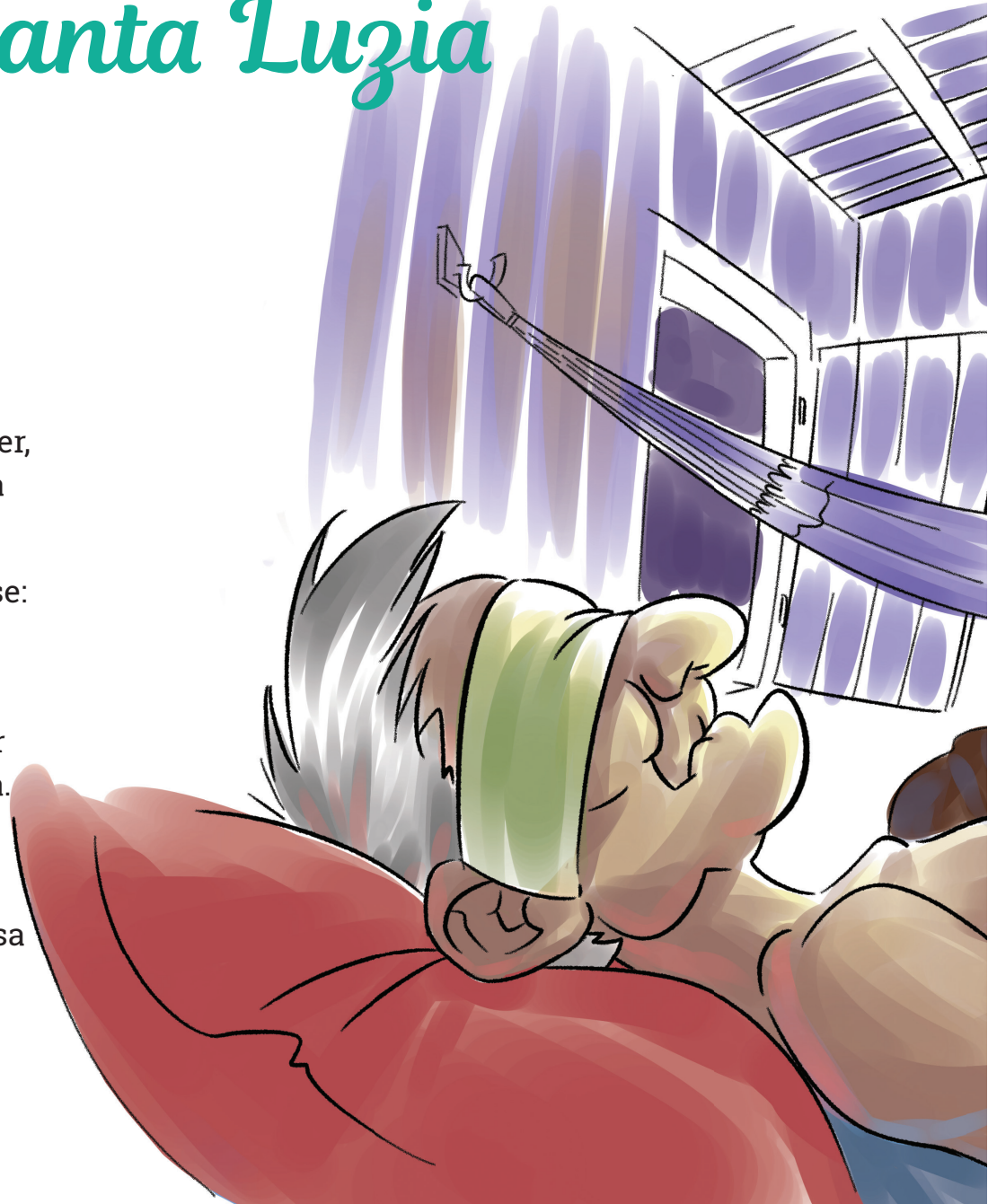
Há muitos anos, seu José, o pai de Maira de Nazaré, estava muito doente e por causa da doença estava ficando cego.

Sua filha, Maria de Nazaré muito triste sem saber o que fazer, resolveu fazer uma “promessa” à Santa Luzia.

Então, Maria de Nazaré disse:

- Santa Luzia se a senhora curar o meu pai eu lhe prometo todo dia treze de dezembro fazer culto de louvores para a senhora.

Passado algum tempo seu José estava curado. Mas, Maria de Nazaré só cumpriu a promessa por três anos e parou.





Depois desse tempo, Maria de Nazaré começou a passar por muitas dificuldades e estava fazendo o impossível para conseguir seus seis filhos: Cláudio, Claudiney, Francisco, Alessandro, Robson e Raudez.

Claudio era o mais velho e ajudava sua mãe em tudo que podia. Um dia Maria de Nazaré deitada e chorando muito no seu quarto, lembrou do que ela tinha feito, então, ela parou e pensou, isso só está acontecendo comigo por que eu parei com a promessa que fiz à Santa Luzia.

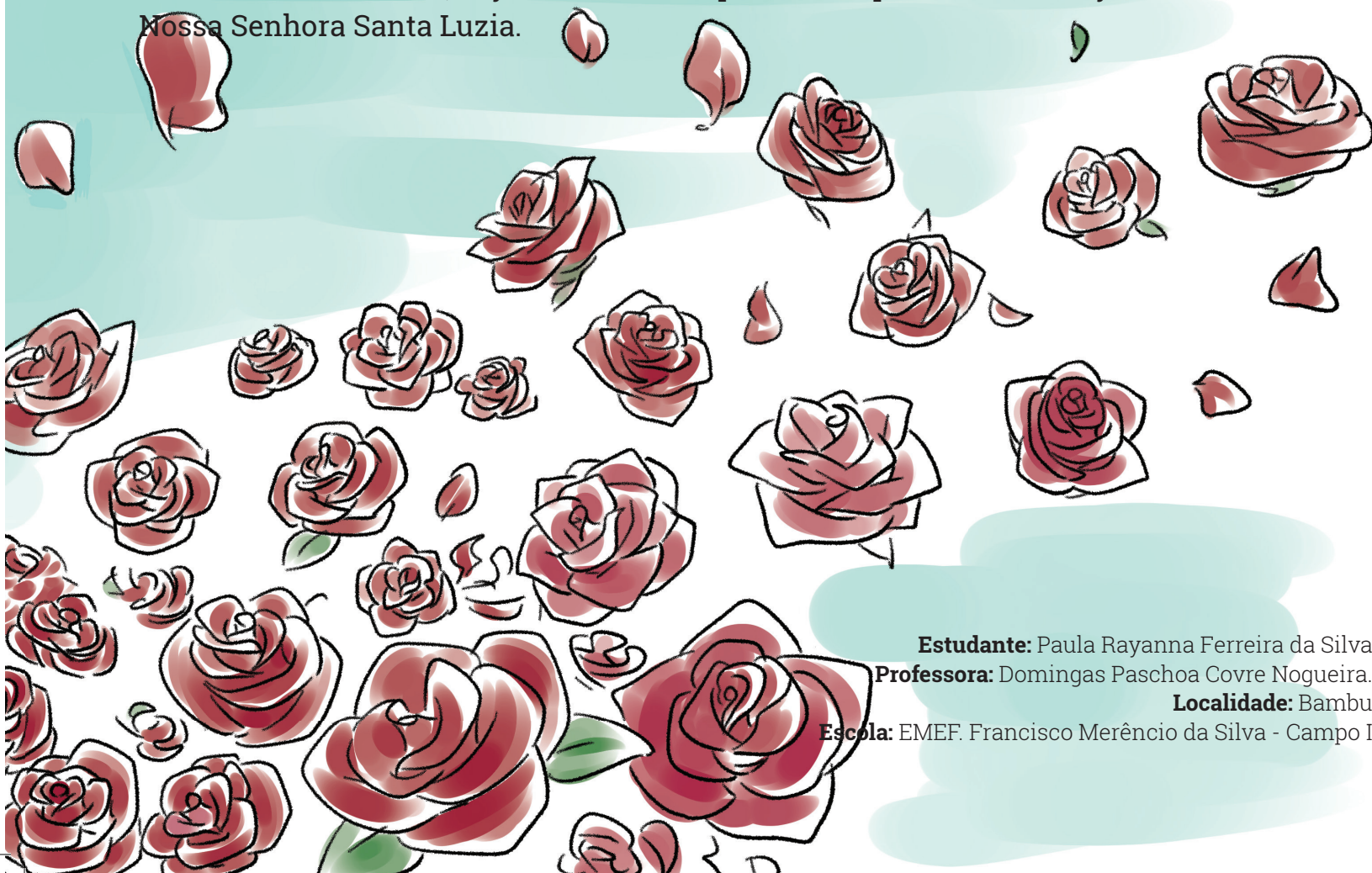
No outro dia Maria de Nazaré conversou com seus filhos e com seu esposo, José Issac, a respeito da promessa. Então, todos concordaram com ela em continuar com a promessa.



Naquele tempo era só eles que organizavam toda a festa, atualmente a festa cresceu e outros familiares e amigos e vizinhos ajudam na organização da festa.

A festa de Santa Luzia é organizada com a parte religiosa e a parte recreativa, além das ladainhas, rezas e orações, tem torneios de futebol, festas dançantes, é uma oportunidade para encontro de jovens de toda a redondeza, pois, é a juventude que mais gosta.

Maria de Nazaré, hoje vive feliz cumprindo sua promessa com ajuda de Deus e de Nossa Senhora Santa Luzia.



Estudante: Paula Rayanna Ferreira da Silva
Professora: Domingas Paschoa Covre Nogueira.
Localidade: Bambu
Escola: EMEF. Francisco Merêncio da Silva - Campo I



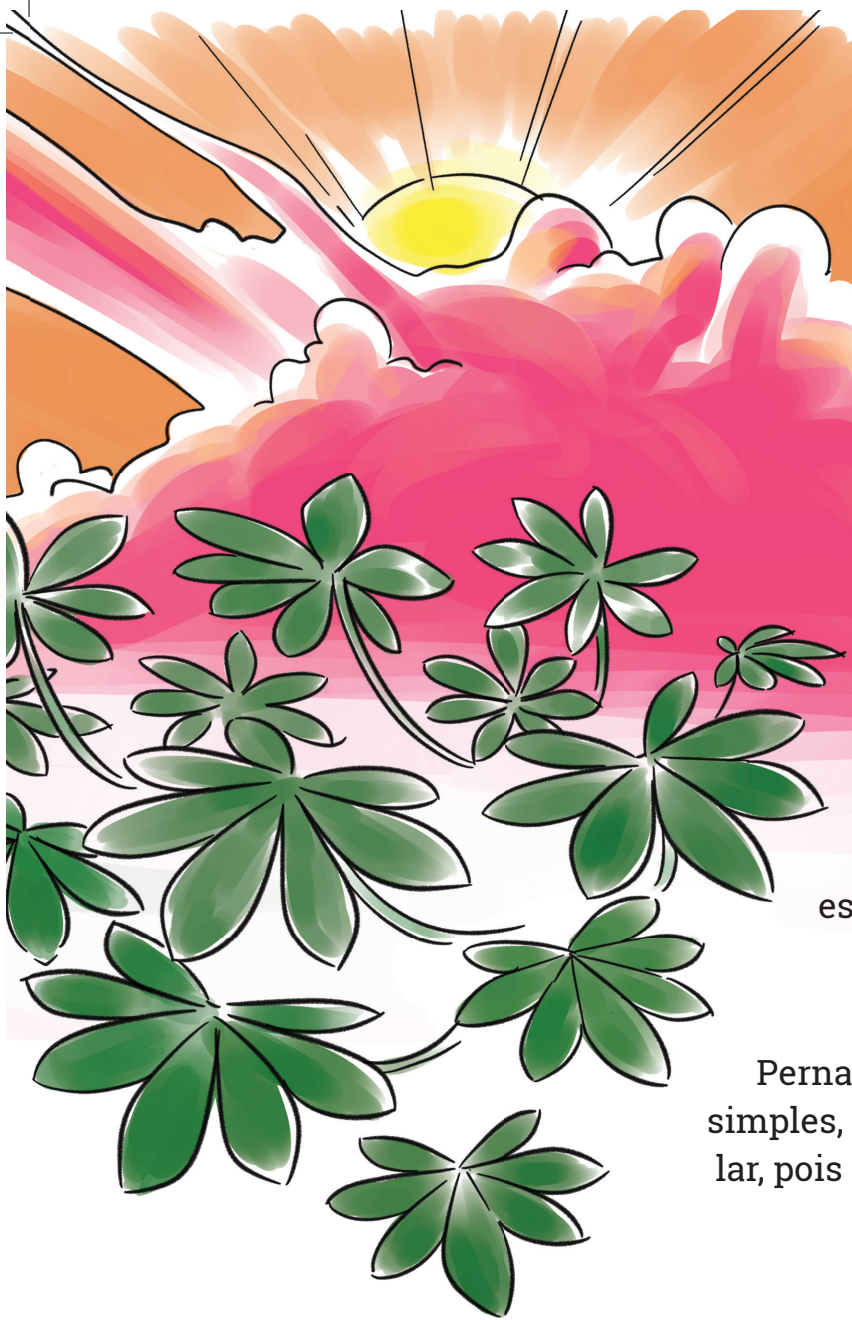
Da cidade ao campo

Esta história trata-se do senhor Ronaldo da Silva Araújo, meu pai, de 38 anos de idade, morador do Travessão dos Pernambucos, pequena comunidade que pertence ao Assurini, grande região rural pertencente a dois municípios: Senador José Porfírio e Altamira, porém a que moramos faz parte de Senador José Porfírio.



Meu pai me contou que morava na cidade de Altamira, isso no ano de 2000, com sua esposa Edina Araújo, minha mãe. Naquele tempo tinha se casado à pouco tempo. Por meio de um sorteio, o casal ganhou uma propriedade no Travessão, na qual decidiram morar.

Meu pai disse que veio para o travessão limpar e roçar, era um tempo muito difícil, as estradas e travessões estavam cheios de mato, apenas uma pequena vareda (caminho estreito com muita mata)



Meu pai começou a plantar cacau, mandioca, macaxeira e outras plantações. Da mandioca era produzida a farinha, a tapioca dava bastante dinheiro, a macaxeira também nos servia como alimentação, um ingrediente importante na sopa e o cacau era de onde tínhamos uma renda maior. Desse tempo em diante nossa vida mudou, foi melhorando.

Ao lembrar-se de seu passado, meu pai diz “que valeu apenas todo sofrimento”, hoje adquirimos nossos bens com esforço e honestidade. Meu pai relatou-me que também está feliz por todas as dificuldades vencidas, pois, hoje somos uma família muito feliz.

Atualmente moramos no Travessão dos Pernambucos, vivemos do cultivo da roça, é uma vida simples, mas observo que há muitas felicidades em meu lar, pois sei também que era isso que meu pai procurava quando resolveu migrar para essa região.

Estudante: Andreyra Victoria Silva Araújo

Professora: Lucilene

Escola: EMEF. Santa Izabel - Campo II



O homem que fazia cigarros usando páginas da Bíblia

Esse é um fato verídico e aconteceu próximo da comunidade Alto Brasil, localizado na Estrada PA 167.

Alguns anos atrás, não há muito tempo, aconteceu algo misterioso e surpreendente. Especificamente na ladeira do Baiano.

Lá moravam alguns homens, e um deles era “ateu”, não acreditava em nada, era completamente incrédulo, não acreditava nem mesmo na existência de Deus. O homem possuía uma Bíblia da qual retirava as páginas para fazer cigarros e fumá-los, seus amigos pediam insistentemente que ele não fizesse aquilo, mas ele nem ligava.

Certo dia, todos os seus amigos foram para Souzel, e ele ficou sozinho. O dia passou e a noite chegou, e ele ali continuava fazendo seus cigarros nas páginas da Bíblia, de repente, o sono chegou, então ele foi dormir, algumas horas depois e acordou com pedras caindo em cima dele, eram muitas pedras que vinham de todos os lados e as pedras só pararam de cair quando ele morreu.

Alguns moradores mais idosos, afirmam que o fato ocorreu de verdade, e que o homem foi sepultado em Souzel.





Estudante: Vilma Souza Braga

Professora: Cylcilene Lobo

Comunidade: Alto Brasil.

Escola: EMEF. Salomão Eschrique - Campo I



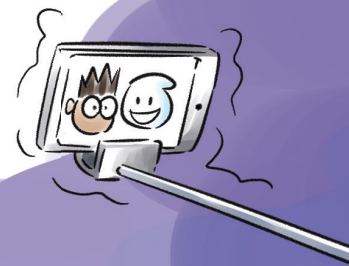
Distrito Alto Brasil e sua história

Foi dado o nome de Alto Brasil a vila, porque ela estava edificada no alto de uma ladeira e lá tinha uma árvore de nome Pau Brasil.

Os primeiros habitantes da vila foram: o Totonho, Domingos Vicente Xavier, Irineu, depois seu Totonho trouxe sua família e assim aconteceu com as demais famílias dos outros moradores, alguns moradores já mudaram-se pra outras localidades, outros ainda permanecem no lugar.

A vila é pequena, com aproximadamente 70 moradores, e não é tão bom de morar, além das pessoas vivas, existem almas que vagam por aqui.

Na vila, tem uma Igreja, uma Escola e um Posto Médio, que são fundamentais no lugar para atendimento das pessoas que aqui residem.





Estudante: Camila Vitória de Sousa Moraes

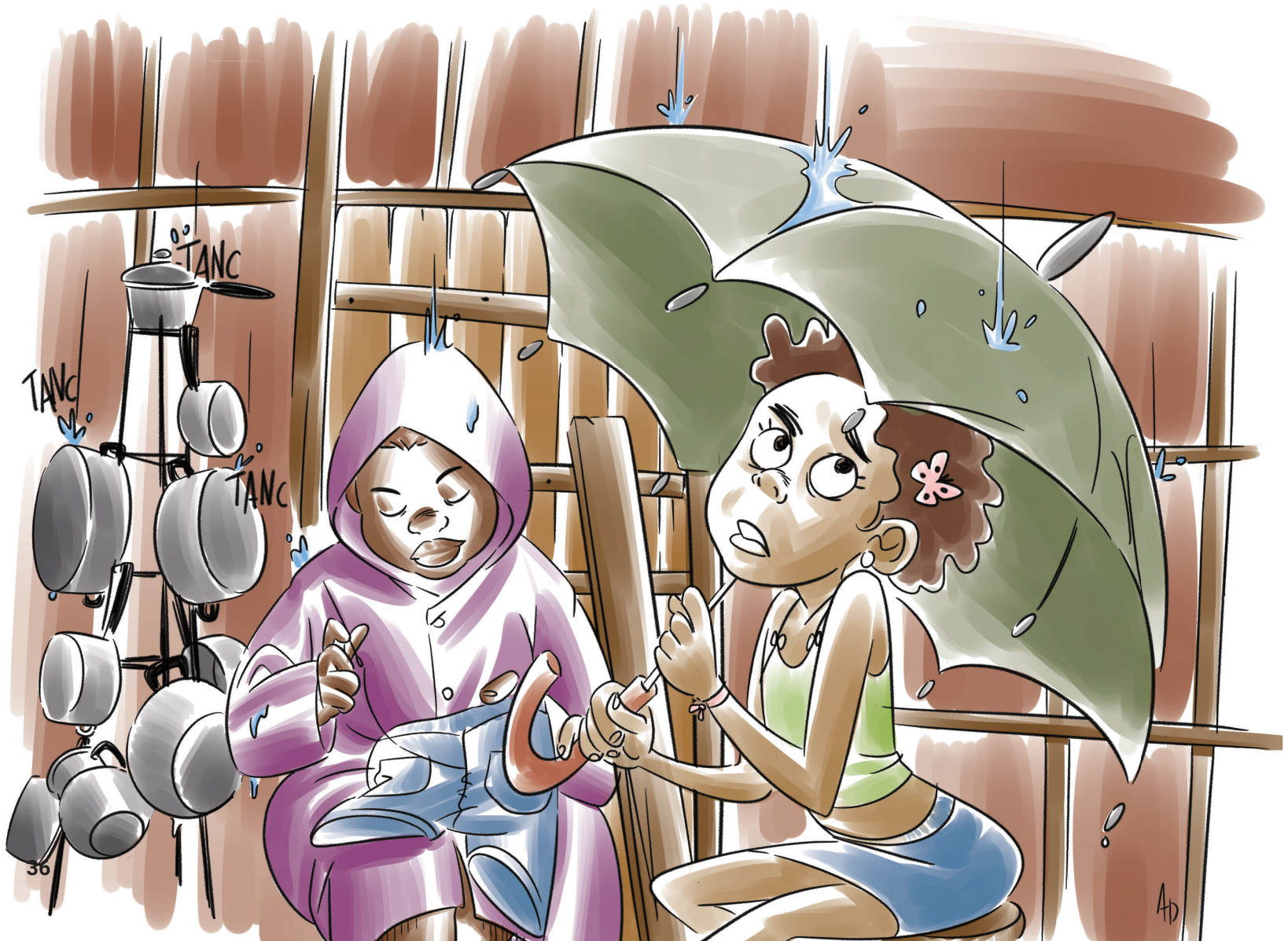
Professora: Clycilene Lobo

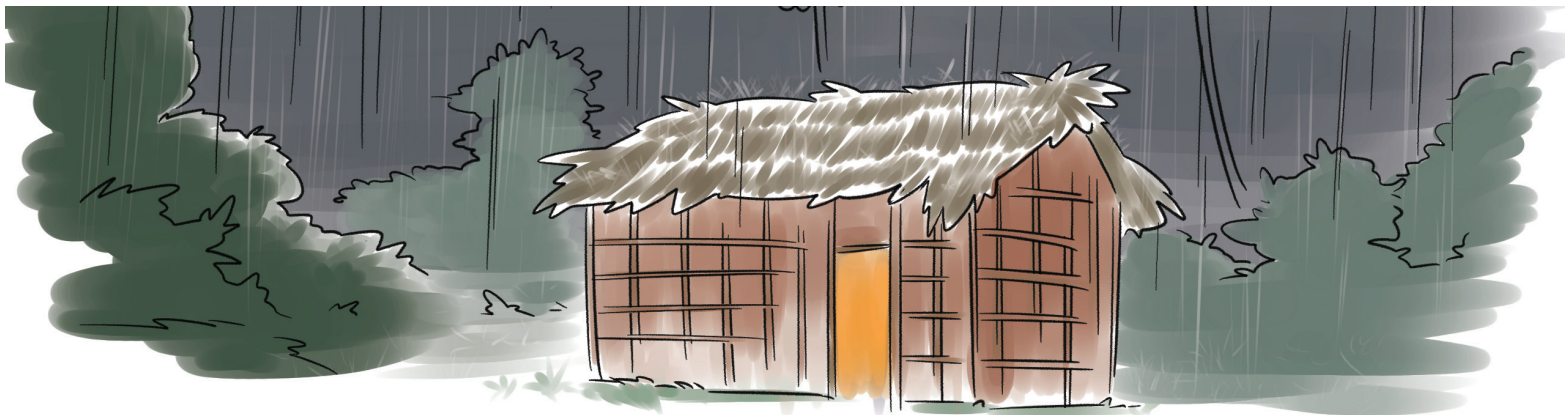
Série/Ano: 8º Ano

Escola: EMEF. Salomão Eschrique - Campo I



Tempos difíceis na minha vida





No dia 23 de maio, seu Edivaldo e sua família mudaram-se de Altamira para o Travessão do Soldado que fica na região do Assurini. Ele, a esposa e seus três filhos: Samuel, Patrícia e Eliane.

Quem os trouxe para foi o Pedro, o rapaz que trabalhava no travessão.

A primeira casa em que a família veio para morar estava em péssimas condições, pois era feita de ripas de açaí, aquela que chamamos de pau-a-pique, quando chovia molhava tudo por dentro.

Era muito difícil para nos mantermos, pois ainda não conhecíamos os vizinhos para que pudéssemos arrumar um trabalho e poder comprar nossa alimentação, porém o tempo foi passando e as coisas foram melhorando.

O primeiro vizinho que apareceu na casa de Edivaldo foi o senhor Rosarino, conhecido na comunidade como Vavá, ele ofereceu arroz para “cortar de meia” (expressão muito utilizada na região pelos colonos, que significa que a produção cortada (coletada), será dividida em duas partes iguais, sendo uma parte de quem coleta e a outra do proprietário da plantação).

Depois, outro morador da comunidade, o senhor Antonio, conhecido como Toim, percebeu a difícil situação que os novos vizinhos estavam passando e ofereceu-lhes feijão para serem colhidos e isso ajudou muito a família de Edivaldo.

A família de seu Edivaldo passou muitas necessidades, pois logo acabou a comida que tinham comprado e, o arroz e o feijão que tinham ganhado também não demorou muito para acabar e já não tinham mais nada para comer, a família de seu Edivaldo, passou então a se alimentar somente de caça e farinha.

Foi um tempo muito difícil mesmo, quando tinha arroz, não tinha feijão e vice e versa, tinha dias que não merendavam e nem almoçavam, a situação cada vez foi piorando, a única forma da família se alimentar, era comer palmitos de açaí em todas as refeições (merenda, almoço e jantar). A família passou três meses alimentando-se dessa forma.

Foi um tempo muito difícil mesmo, quando tinha arroz, não tinha feijão e vice e versa, tinha dias que não merendavam e nem almoçavam, a situação cada vez foi piorando, a única forma da família se alimentar, era comer palmitos de açaí em todas as refeições (merenda, almoço e jantar). A família passou três meses alimentando-se dessa forma.

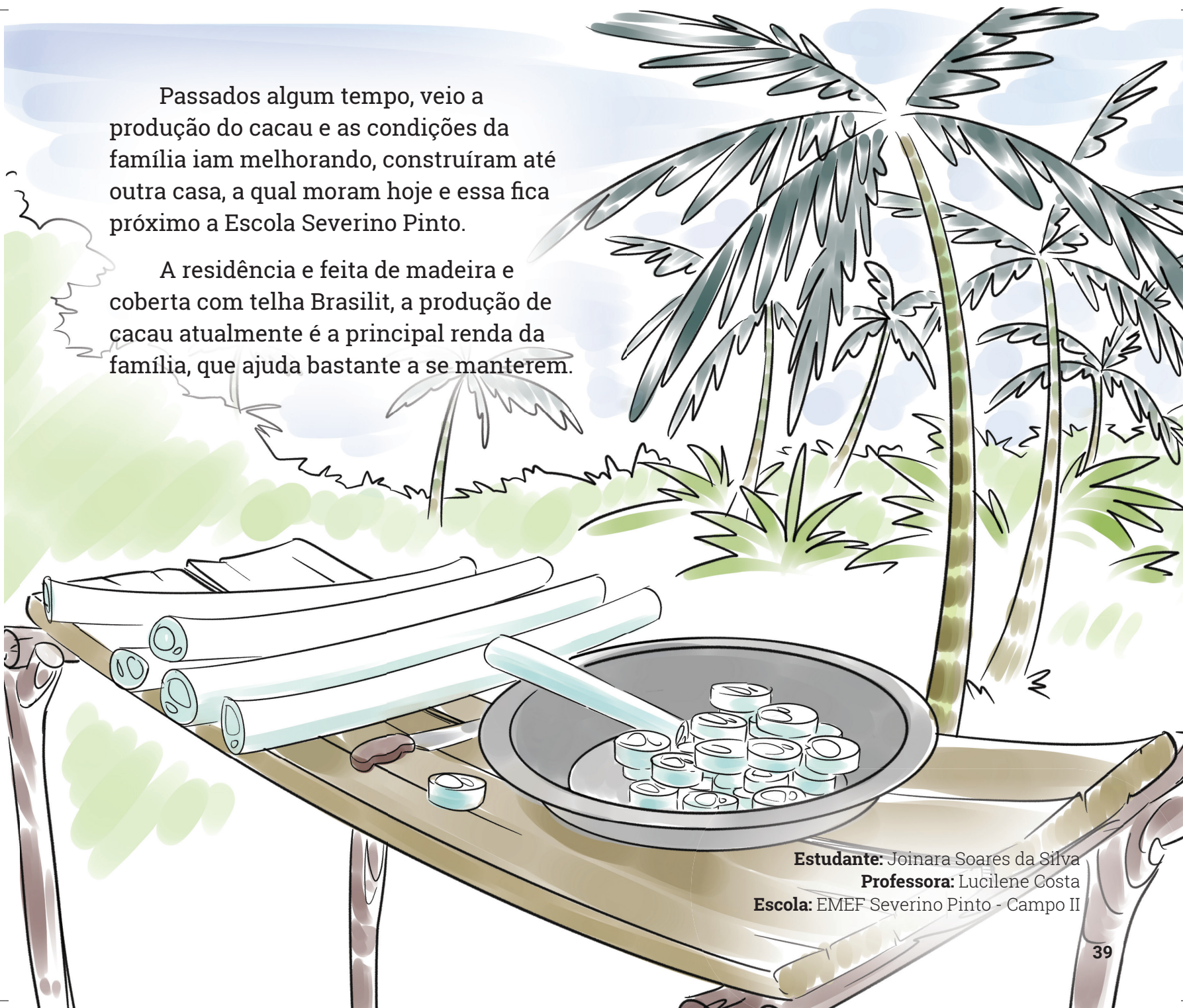
Mas, diante de tantas dificuldades que tinham, era uma família sonhadora, com um futuro promissor, mesmo com objetivos tão pequenos, apenas sonhavam e queriam melhorar a situação em que se encontravam, possuir pelo menos, o alimento de cada dia para a família.

E na busca incessante pela melhoria de vida, as coisas iam se arrumando, e muitos trabalhos foram aparecendo com plantação de roças.

A família começou a produzir arroz e já conseguiram o que comer, porém, mesmo assim, quando tinha o arroz e o feijão, faltava o óleo, a cebola e eram obrigados a comer sem tempero.

Passados algum tempo, veio a produção do cacau e as condições da família iam melhorando, construíram até outra casa, a qual moram hoje e essa fica próximo a Escola Severino Pinto.

A residência é feita de madeira e coberta com telha Brasilit, a produção de cacau atualmente é a principal renda da família, que ajuda bastante a se manterem.



Estudante: Joinara Soares da Silva

Professora: Lucilene Costa

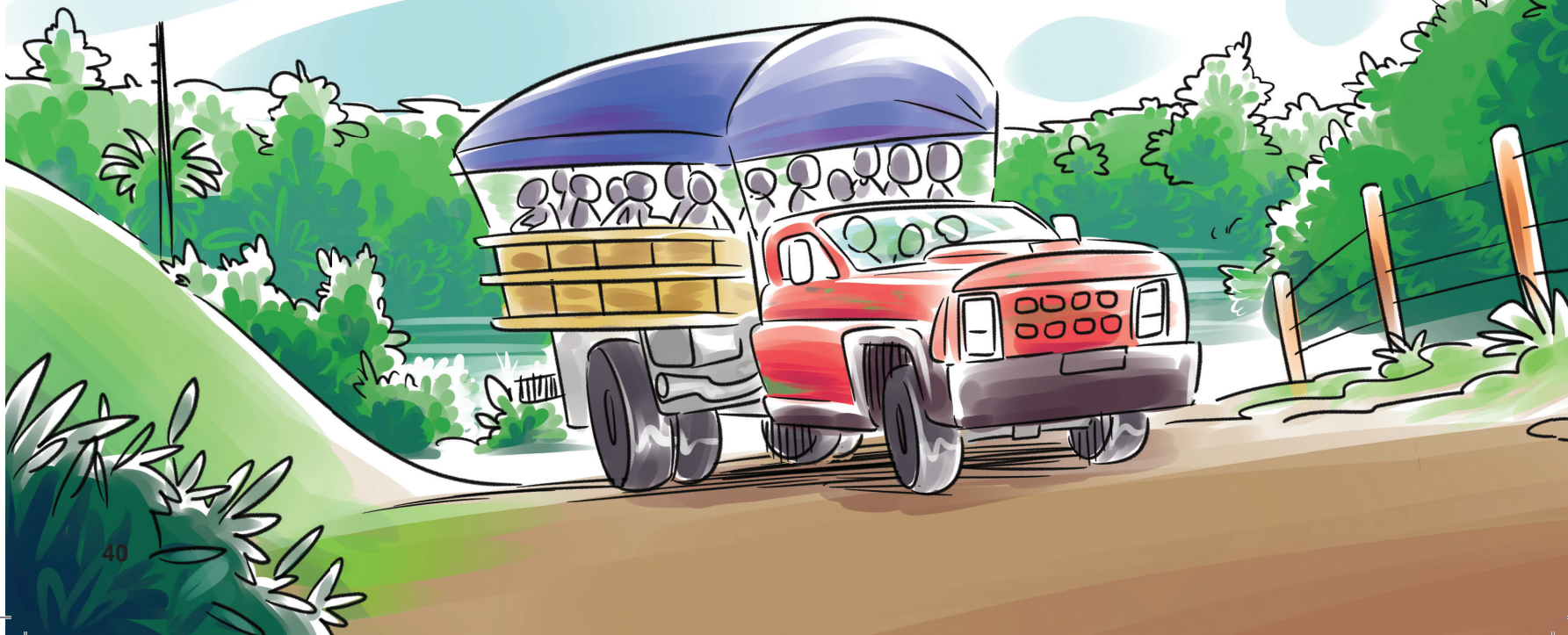
Escola: EMEF Severino Pinto - Campo II



A Tragédia do dia 23 de dezembro de 2013

O caso aconteceu no lugar localizado no Assurini, pequena região rural, que faz parte do município de Senador José Porfírio.

No dia 23 de dezembro de 2013, eu e minha mãe, resolvemos viajar para Altamira. Tudo parecia um dia normal, pegamos o “carro da linha”. O referido carro era um “pau-de-arara”, muito comum nesta região, sendo que o mesmo não oferece nenhuma segurança aos passageiros.



Naquele dia o carro estava muito lotado, havia muita gente e também muitos sacos de cacau, pneus, bolsas, etc.

Durante a viagem, passamos por algumas localidades, como por exemplo: Acesso 2, Novo Brasil, entre outros. A viagem parecia tranquila, de repente em uma ladeira muito alta, o carro começou a deslizar, eu e minha mãe então, ficamos muito nervosas, o carro bateu em uma ribanceira, com a batida o banco do meio, onde eu estava sentada saiu do lugar, escutei um barulho muito grande, pensei por um momento, que iria morrer, foi horrível! Abri meus olhos e pensei. Estou viva, graças a Deus!,



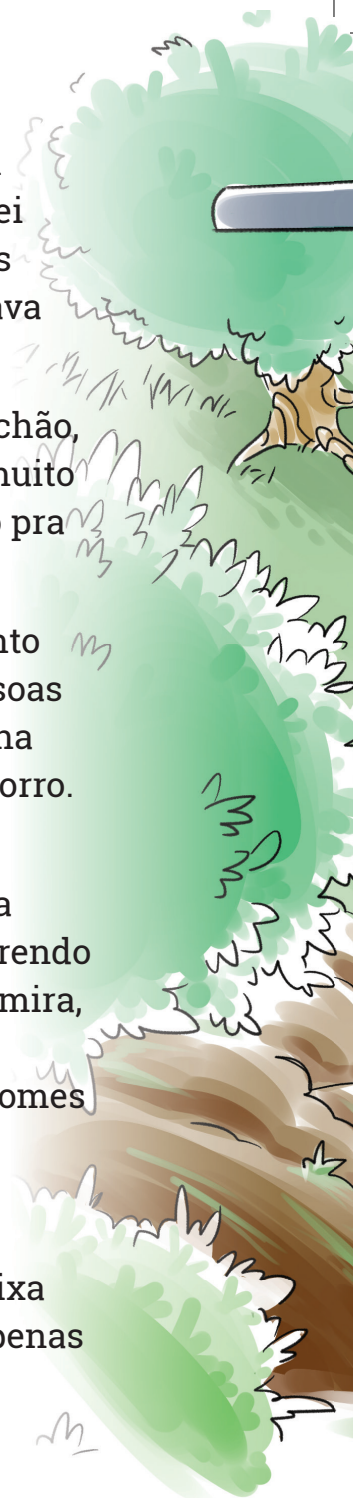
Porém eu me encontrava no momento sem poder respirar direito, nem me mexer e nem falar, só pensei: – Estou “ferrada”. – Cadê todo mundo? Logo, escutei minha mãe gritar: – Cadê minha filha? Em seguida ouvi a voz do meu tio, pedindo para minha mãe se acalmar.

Gritava desesperada! Mas, ninguém me ouvia, já não sabia o que fazer, foi quando percebi que meus pés estavam do lado de fora das “sacarias” e comecei a bater, fazendo um enorme barulho, que chamou atenção de algumas pessoas que me ajudaram e me retiraram daquele local, então, percebi que o carro estava emborcado (virado).

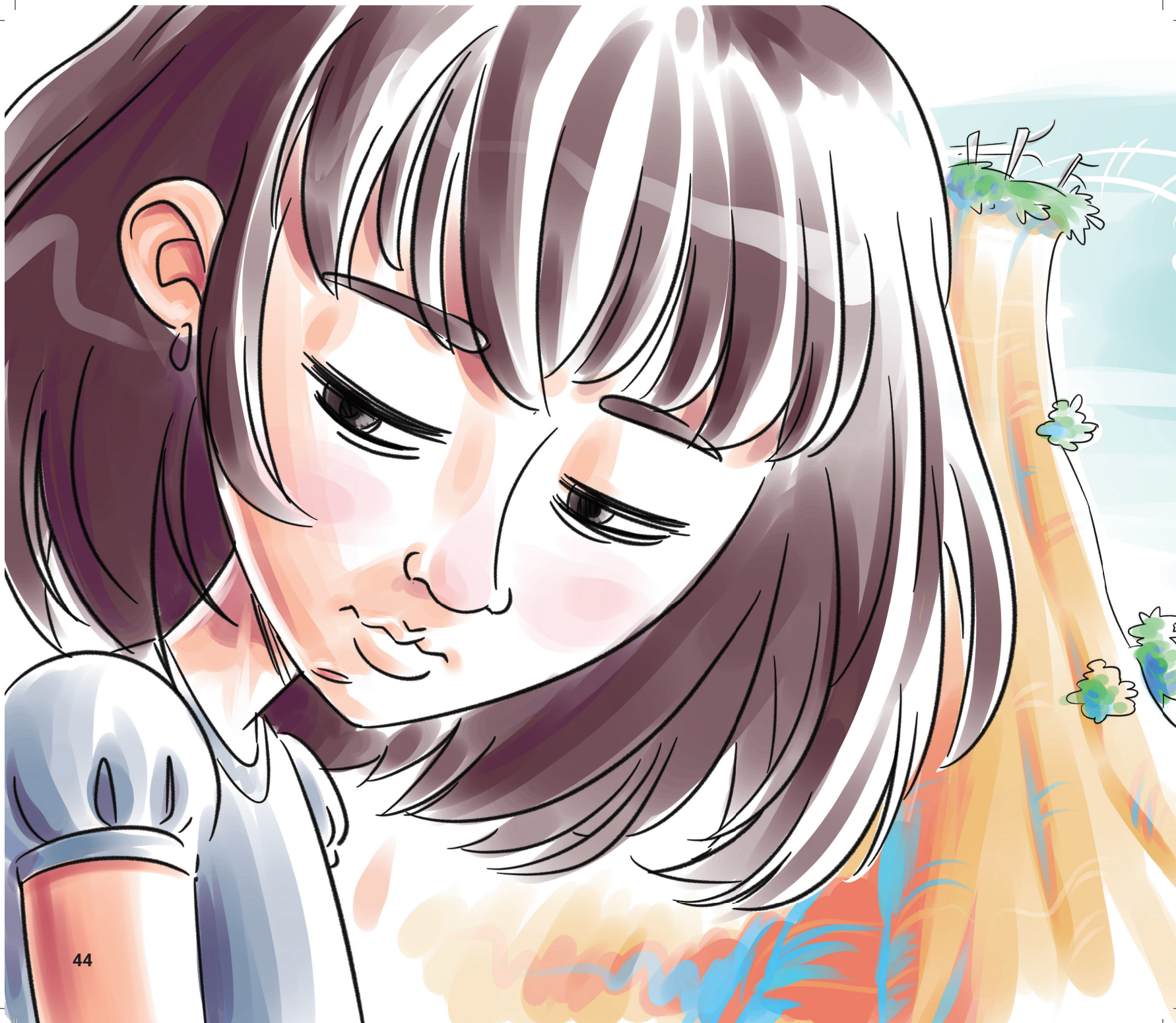
Na hora em que me tiraram do carro pude ver uma vítima fatal, caída no chão, fiquei “chocada” com o fato, para onde eu me virava pra olhar, só via sangue, muito sangue derramado, gente gritando, era assustador, foi um momento de pânico pra todos que estavam naquele veículo.

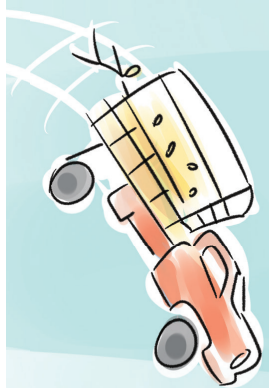
Na hora do acidente, estavam todos tensos, era só choro e pessoas ajudando uns aos outros, depois de tudo isso, fizemos orações, porém havia muitas pessoas que não aquentavam ficar em pé, e eu era uma dessas, eu era levada pela minha mãe e mal podia respirar, já estava com mais de uma hora, nós esperando socorro.

Em um instante vi chegando a polícia e ambulâncias e um helicóptero sobrevoando o local. Aquilo parecia uma cena de um filme, coisa que eu nunca tinha visto e nem presenciado, foi inédito em minha vida, como eu estava correndo risco de morte, tive prioridade, fui levada de helicóptero para a cidade de Altamira, diretamente para o Hospital Regional, mas em seguida fui transferida para o Hospital São Rafael onde permaneci até às 23 horas, minha mãe (Ana Lúcia Gomes da Silva) também, estava comigo, mas ela sofreu apenas algumas escoriações leves, diferente de mim, que tive meus pulmões machucados e também dificuldades respiratórias. Na hora do acidente minha mãe foi arremessada para fora do carro, com isso, ela quase desmaiou, pois ela sofre também de baixa pressão. Graças a Deus ela não precisou ser internada, ela ficou no hospital apenas para me acompanhar e fazer os curativos necessários.







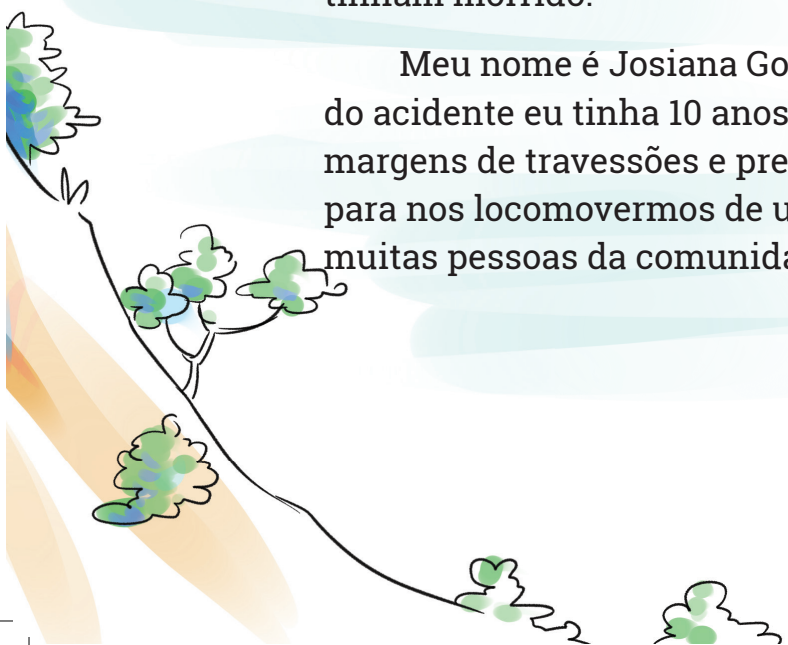


Uma mulher chamada Lúgia, quase quebrou a coluna e foi levada para o Hospital Regional em estado gravíssimo. A neta de dona Lúgia chamada de Alana de 5 (cinco) anos de idade e outra menina de 10 anos, foram arremessadas da cabine do carro no primeiro tombo, onde passaram pelo vidro que se quebrou todo, mas só tiveram uns arranhões.

Além, dos problemas que citei acima, fui também ferida no queixo, no qual ainda tenho cicatriz até hoje, permaneci no balão de oxigênio por algum tempo.

Certa vez, ouvi o motorista do carro (Antonio Justino) dizer que ele já trabalhava na linha a 7 (sete) anos, que não foi intenção dele, não foi de propósito, mas sim algo que estava para acontecer, porém ele se sentia muito culpado pelo acidente e morte de seu companheiro de serviço (seu ajudante) Reginaldo, que agiu por impulso, pulando do carro e faleceu.

No local do acidente havia um grande abismo, caso tivéssemos caído naquele abismo, eu não estaria contando esta história, pois acredito que todos tinham morrido.



Meu nome é Josiana Gomes Teixeira, tenho 11 anos de idade, e na época do acidente eu tinha 10 anos. Este foi um fato trágico para nós que moramos as margens de travessões e precisamos desse tipo de transporte (pau-de-arara) para nos locomovermos de um lugar para outro, pois o acidente envolveu muitas pessoas da comunidade em que moro.

Estudante: Josiana Gomes Teixeira

Professora: Lucilene Costa

Série/Ano: 6º ano do Ensino Fundamental

Escola: EMEF Severino Pinto - Campo II



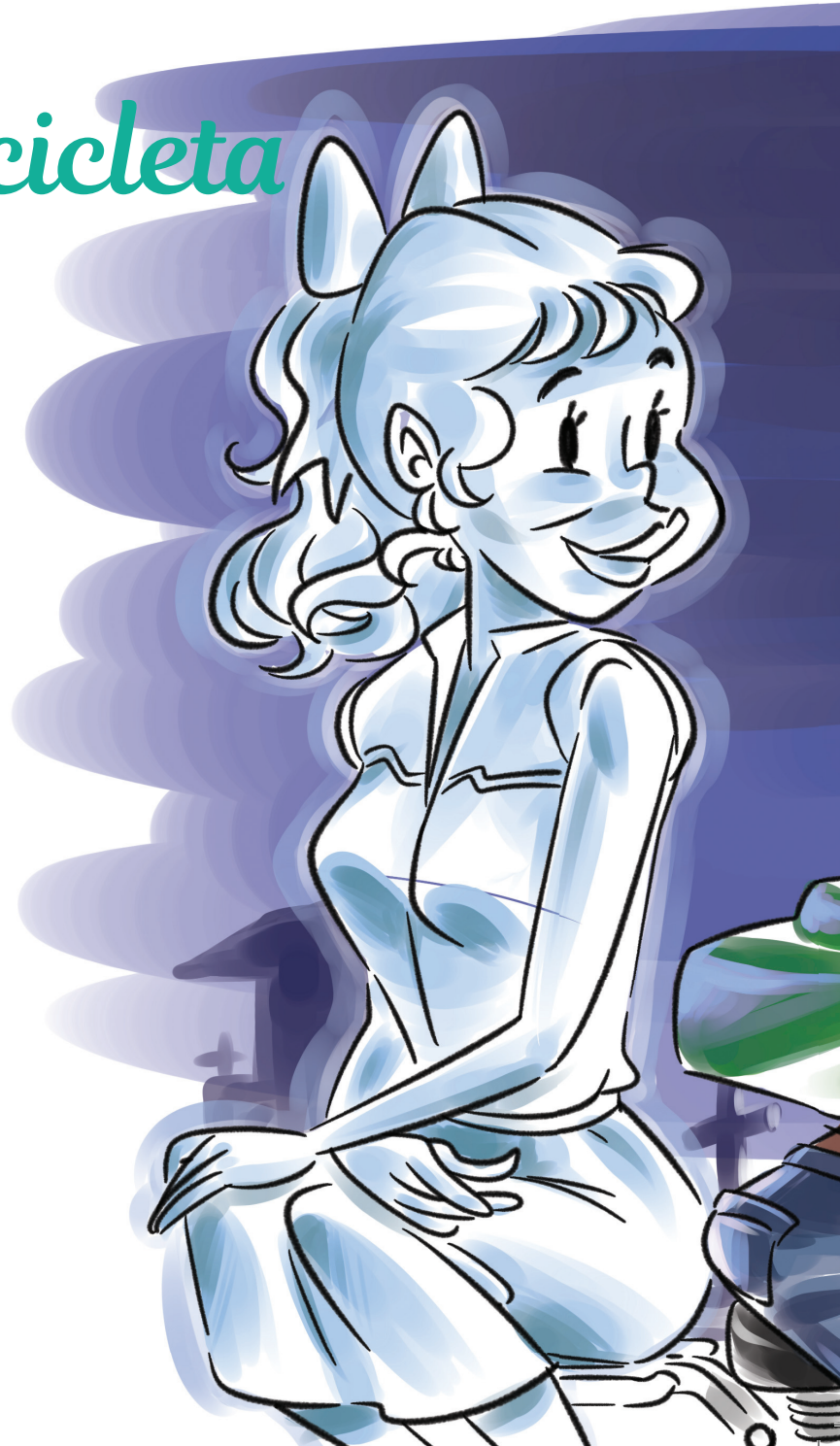
A Lenda da Bicicleta

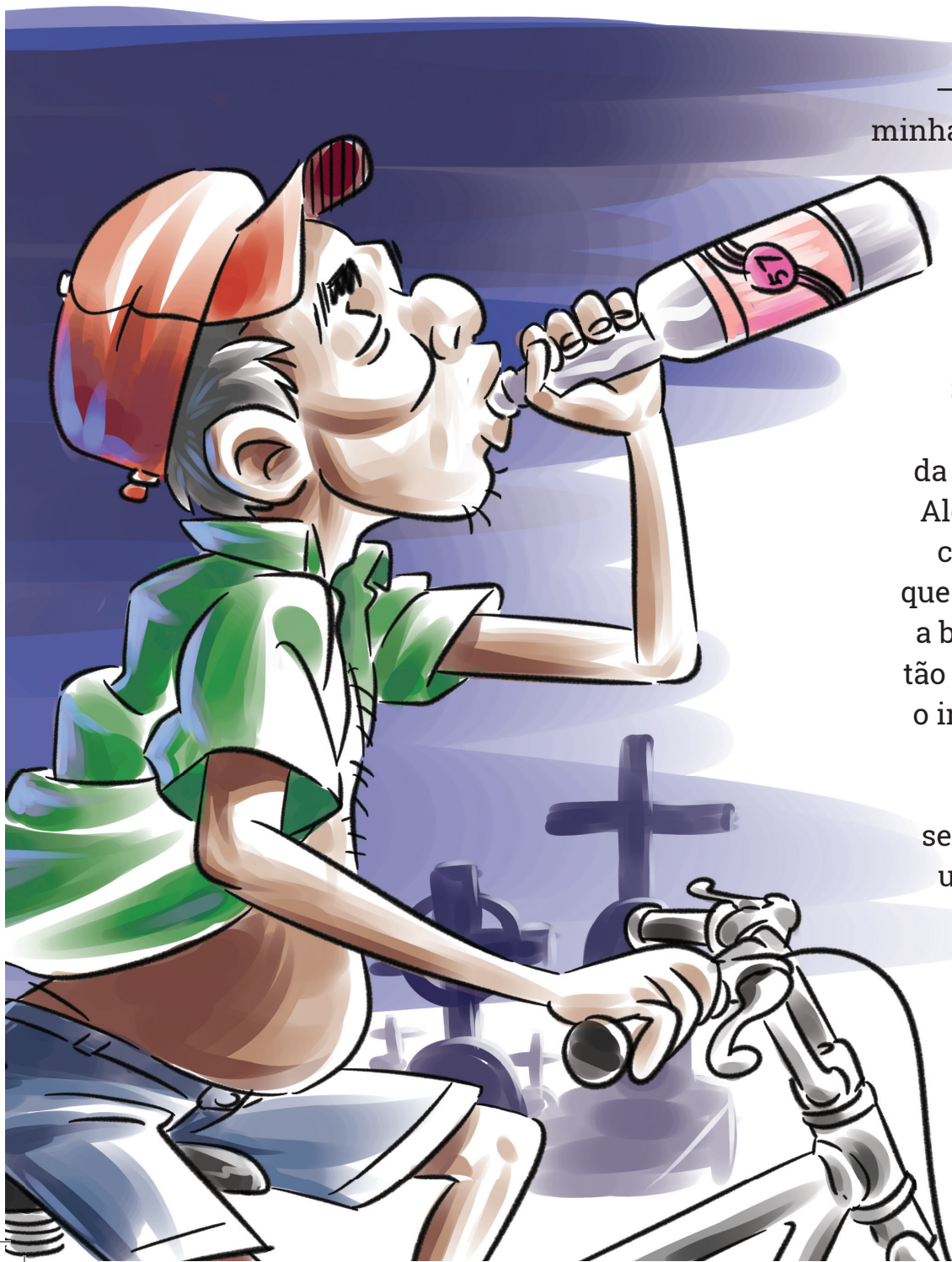
Certo dia ele vinha de uma festa pedalando uma bicicleta, exatamente zero hora, ele estava passando em frente a um cemitério, já meio bêbado, sentiu que alguma coisa tinha pulado na garupa do seu transporte. Para o homem aquele local era assustador e ao perceber que estava carregando algo estranho, preferia não olhar para trás com medo de se assustar.

Segundo Batista, era uma mulher que tinha montado na garupa da bicicleta de seu Everaldo. O sogro pedalava rápido, contudo, a assombração não desistia. O Batista disse que seu Everaldo andou bastante carregando a alma. Ele contou que ao chegar a uma encruzilhada (ponto de interseção entre dois travessões, cujo, se cruzam) a assombração disse:

– Eu só posso vir até aqui.

O ciclista respondeu:





– Já que você está na garupa de minha bicicleta, vamos em frente!

E a alma respondeu:

– Quando eu era viva eu podia ir mais longe, como agora sou morta, daqui tenho que voltar.

Seu Batista relatou que o sogro lhe contou que a mulher pulou da garupa e empurrou a bicicleta. Além do medo que ele estava, ele contou que seu sogro comentou que naquele momento parecia que a bicicleta funcionava a motor de tão rápida que só faltava voar com o impulso que a alma deu quando desceu da garupa.

Esta história foi contada pelo seu Batista e ocorreu em frente a um cemitério, com o sogro dele, chamado Everaldo.

Estudante: Geicimar Santos

Professora: Lucilene Costa

Série/Ano: 8º Ano

Data: 03/09/2015

Escola: EMEF Santa Isabel - Campo II



A Lenda do Capelobo

O senhor Marcílio me contou que quando ele tinha 12 anos de idade, ele foi para a casa de um amigo passear chamado “Tuxaua” (pessoa que antigamente exercia o poder mais alto dentro de uma aldeia, espécie de cacique).

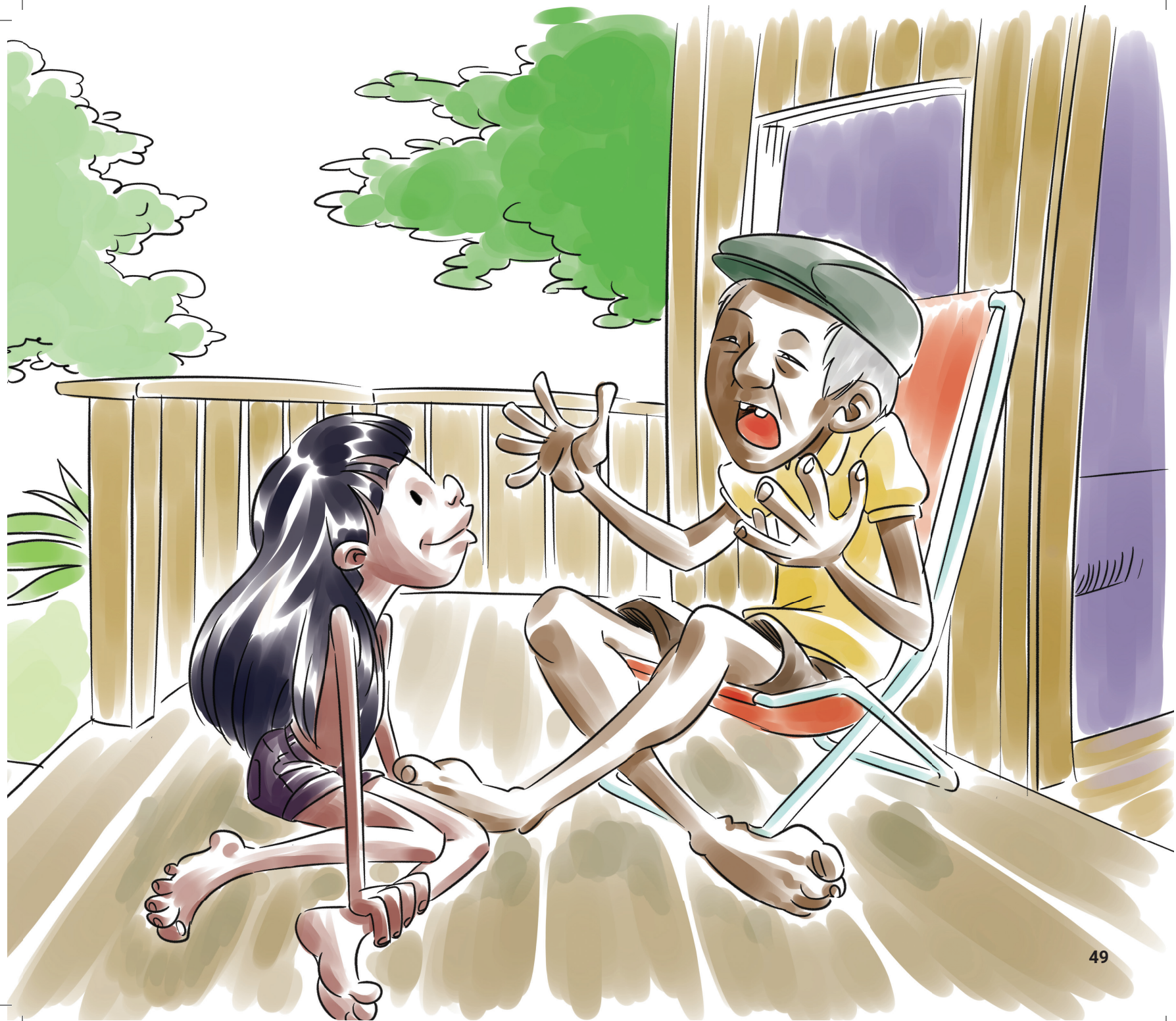
Ao chegar ao local, viu os filhos do tuxaua e outros índios pequenos saindo para brincar na mata, lá os índios ouviram uns gritos estranhos. Ao perceberem a estranheza, voltaram para a aldeia e chamaram o Tuxaua, conhecido como Vicente.

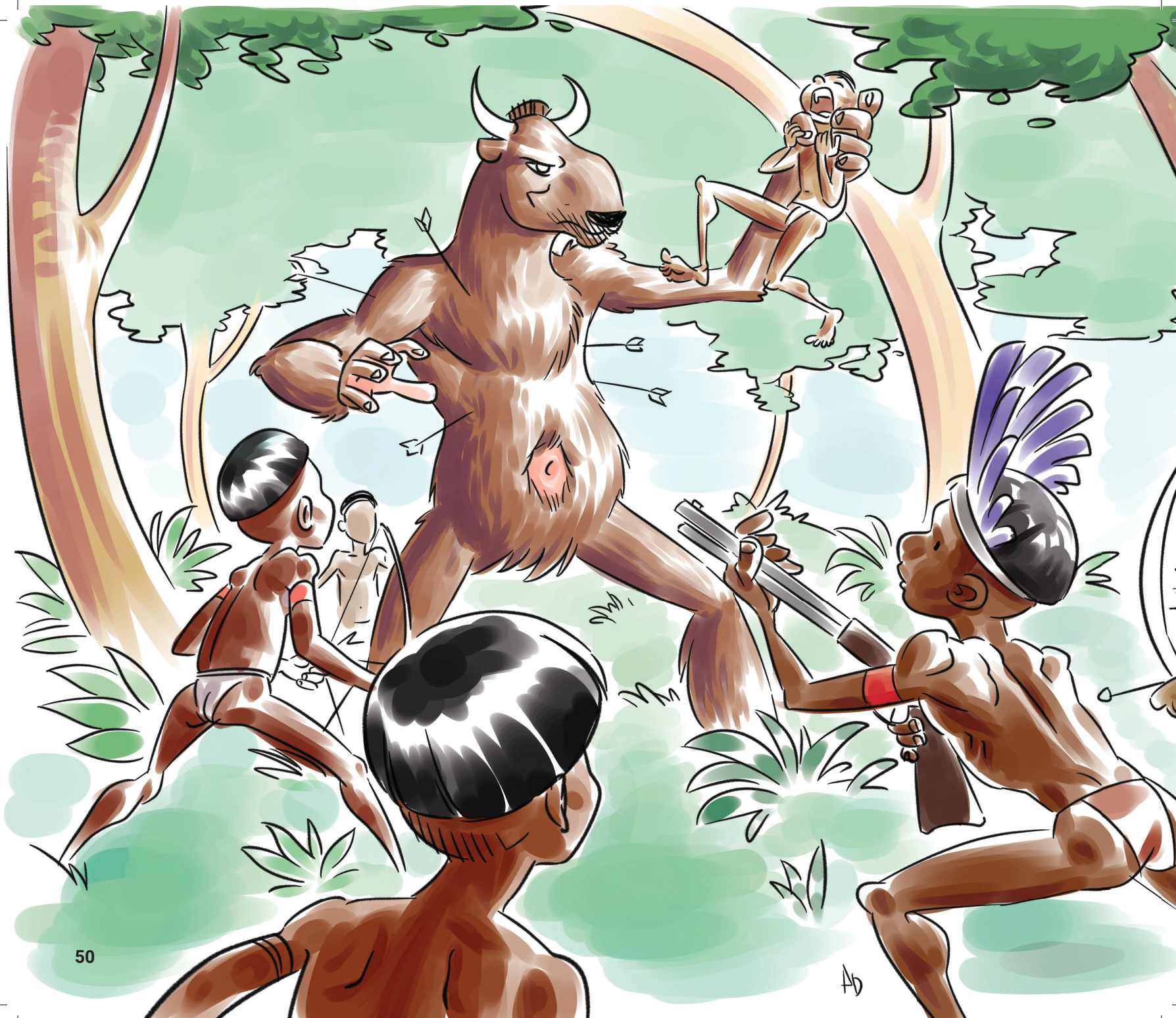
Seu Marcílio relatou que os gritos não paravam, só aumentavam cada vez mais. Na aldeia que era do povo Juruna, juntamente com outra aldeia Arara, viviam cerca de 5.000 (cinco mil) índios. Os índios das duas aldeias se reuniram e saíram atrás do grito.

Durante a procura para desvendar o mistério, os representantes (tuxauas) das duas aldeias subiram em uma árvore bem alta de disseram para os outros índios que gritassem também, iguais ouviam os gritos estranhos. E foi dessa forma que eles desvendaram o mistério.

Era um bicho grande, cabeludo, tinha um cheiro muito forte e possuía um chifre de mais ou menos 2 (dois) palmos.

No momento em que os índios avistaram o bicho, partiram para pegar e matar, mas o bicho era forte e matou aproximadamente 80 (oitenta) índios.







O tuxaua Vicente, também foi atacado pelo animal, porém, resistiu ficando em pé, Vicente viu que somente no umbigo do monstro não havia cabelo, e foi ali, naquele momento que o tuxaua pegou seu rifle (arma) e disparou um tiro em acertando o umbigo do monstro, o qual caiu por terra.

Naquele momento os índios voltaram para a aldeia, mas perceberam que havia falecido pelo menos uns 40 (quarenta) índios só do forte odor que o monstro exalava.

Seu Vicente falou que os índios, os mais velhos, que não comiam sal, só se alimentavam com carne crua, já estavam se transformando em “capelobo”.

Meu avô Marcílio relatou que, alguns índios, os mais jovens, construíram um grande cercado para prender os índios mais velhos que viravam “capelobos” Depois de prenderem os índios velhos, os índios jovens faziam uma grande fogueira para queimar e mata-los, com medos de virarem capelobos, uma vez que vários índios velhos já até haviam virados e que foram todos queimados e mortos.

Estudante: Maria Macilene da Silva Silva

Professora: Lucilene Costa

Série/Ano: 9º Ano

Entrevistado: Senhor Marcílio Evaristo da Silva, 72 anos de idade, reside na região Assurini, Travessão do Pirarara, município de Senador José Porfírio.

1. O mesmo que Jurupari. Jurupari: Espírito da mata

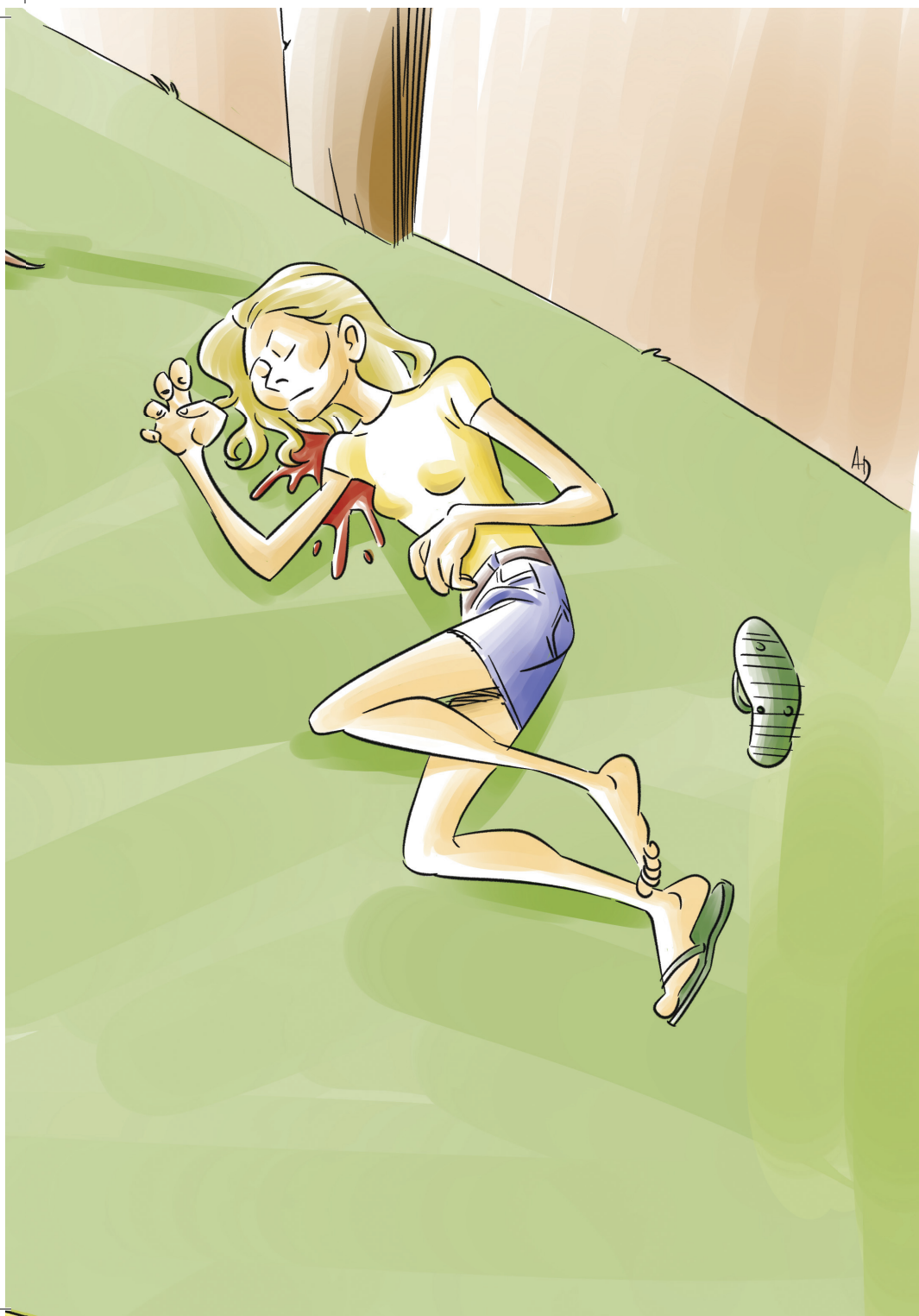


A Morte Misteriosa

A morte de Maria Antonia foi um mistério, ela anoiteceu viva e amanheceu morta, segundo comentários do povoado onde ocorreu o fato, a finada estava bebendo em um bar com várias pessoas, onde estava um dos suspeitos do crime.

No mesmo bar, ela bebeu, brincou e se divertiu bastante, até as 3 (três) horas, quando ela saiu falando que iria para sua casa ver seus filhos que havia ficado com seu esposo, pois ela tinha uma menina com 6 (seis) meses de idade. Na ida para sua casa a mulher foi vista até a esquina da quadra esportiva, juntamente com o suspeito da barbárie. Por volta das 5 horas, a mulher foi encontrada, já morta.





O fato ocorreu na localidade de Vila Nova, distrito de Senador José Porfírio, mais precisamente atrás da quadra esportiva, cuja fica no fundo do meu quintal.

Na hora que a mulher foi encontrada, acordamos com a movimentação das pessoas, que andavam e conversavam, foi então, quando nós levantamos e ouvimos os comentários de que a mulher estava morta.

Os parentes da mulher chamaram a polícia e, quando a polícia chegou, solicitou ao esposo da falecida, para levarem o corpo até Souzel. A vítima foi levada para a perícia, porém, até hoje não foi descoberto o assassino.

Estudante: Maria Lúcia Mendes Cordeiro

Professor: Jânio Fontineles da Silva

Série/Ano: 9º Ano

Escola: Abel Figueiredo (Vila Nova)



A Pescaria com Poronga

Em uma noite escura, o homem sai para “piraqueirar” (forma bem antiga de pescaria com flecha), naquela época (por volta dos anos 1960), lanternas eram raras, então o homem pegou sua poronga¹, sua flexa com zagaia e saiu para a piraqueira².

Depois de um longo dia o homem estava louco para matar os peixe que encontrasse pela frente, ao chegar ao local, foi alumando e viu no claro da poronga um enorme tucunaré, então, ele falou consigo mesmo: – esse dá pro jantar, e foi arpoando o peixe.

Na hora em que a zagaia atravessou o lombo do peixe, o peixe deu um salto tão grande, que passou pela cabeça do homem, (local onde estava a poronga) como ele estava com a boca aberta, nesse momento o peixe engoliu a poronga.

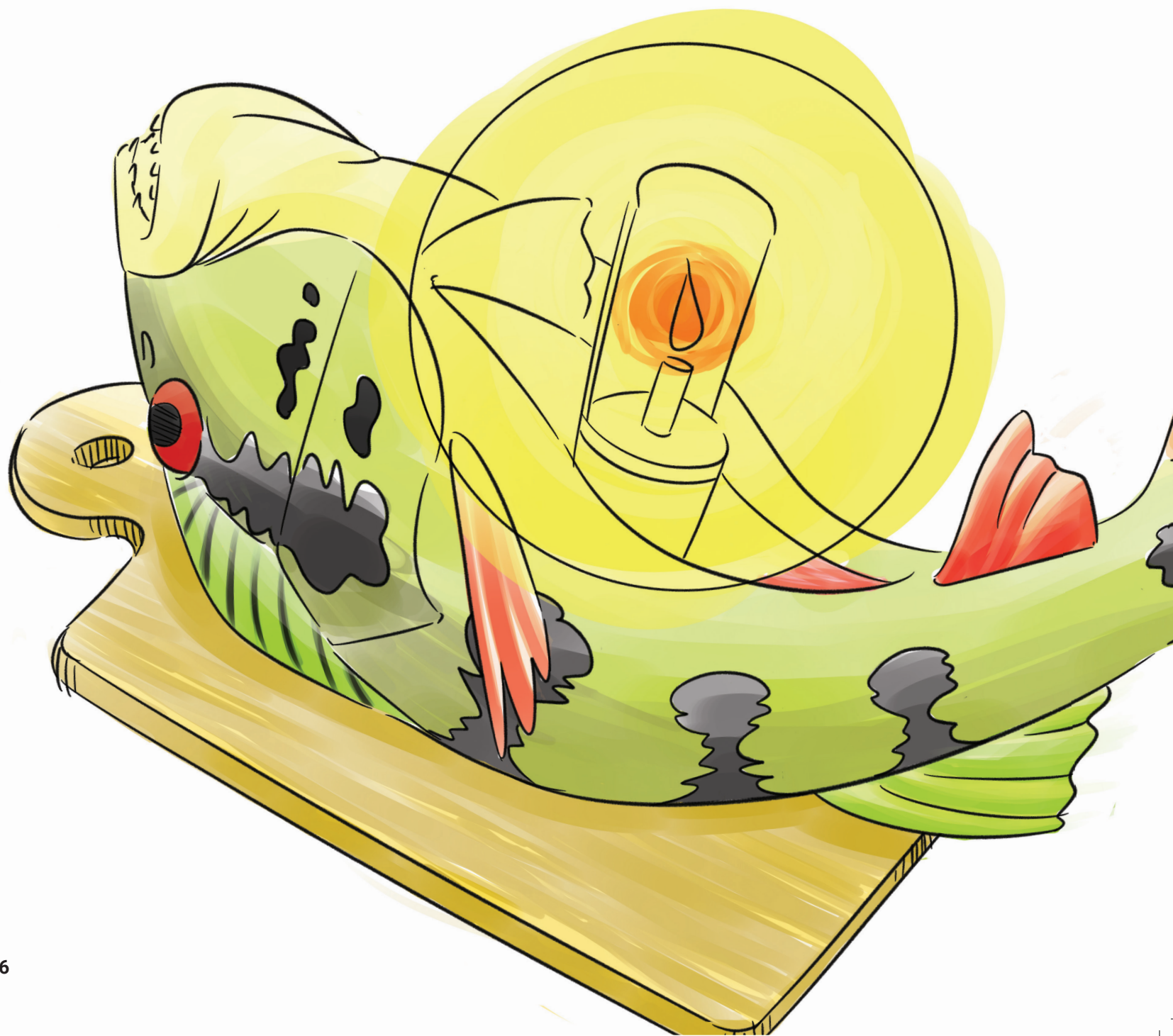
Sem poronga para alumiar e poder continuar sua pesca, não seria possível, então o homem voltou para sua casa, muito triste e pensativo, mas disse pra ele mesmo que no outro dia voltaria para pegar aquele peixe.

1. **Poronga:** Instrumento feito com uma lamparina fica protegida por algo (uma lata em volta) para não se apagar facilmente, geralmente o combustível para acender a luz era o Querosene ou óleo Diesel.

2. **Piraqueira:** Um tipo de pescaria durante à noite com flecha ou zagaia. Vocábulo não encontrado nos Dicionários da Língua Portuguesa.









No outro dia, o homem fez outra poronga e quando chegou a noite ele retornou ao local, tal foi sua surpresa ao alumiar no fundo do rio, quem estava lá?

O mesmo tucunaré que havia engolido sua poronga na noite anterior. Então o homem pegou sua flexa e tum! Arpuou novamente o peixe, dessa vez o peixe não escapou. O homem pegou o peixe e foi logo cuidando de voltar pra sua casa, afim, de tratar o peixe (linguagem ribeirinha, que quer dizer limpar o peixe) e fazer o jantar pra família, família aquela composta de mais ou menos 12 pessoas.

Quando ele chegou em sua casa disse pra sua esposa – Dessa vez o peixe não escapou! – Mulher cuida de tratar o peixe. E a mulher foi tratar aquele enorme tucunaré. Depois que a mulher escamou o peixe, ela coutou a barriga do mesmo e tal foi sua surpresa. A poronga que o tucunaré havia engolido na noite anterior estava acabando de se apagar!!!

Autor: Desconhecido.

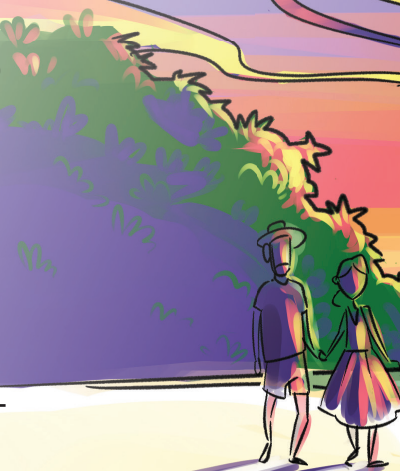
Este causo, eu ouvi contarem muitas pessoas da comunidade, porém, não se sabe o autor, mas que ficou eternizado na memória dos souzelenses.

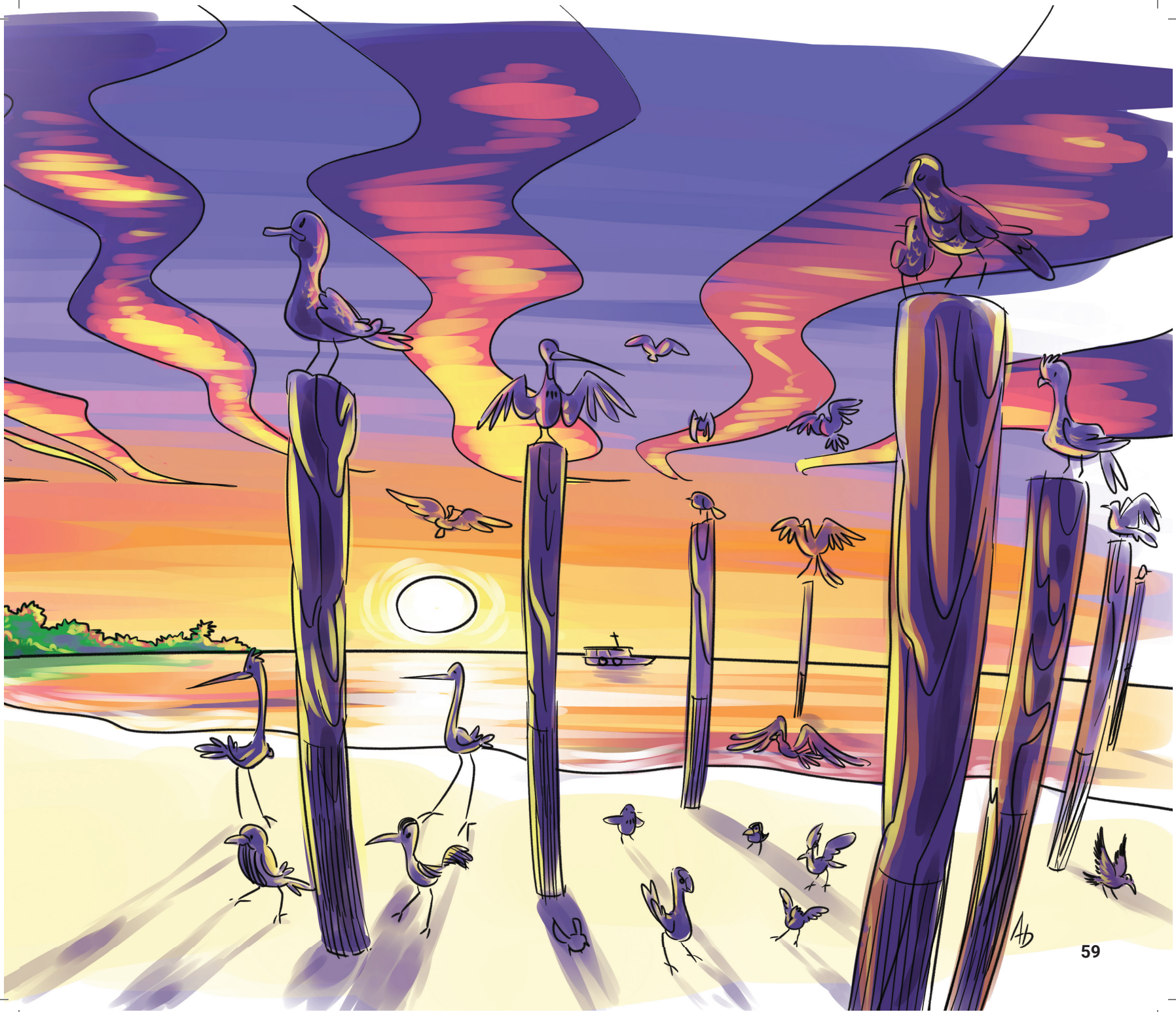


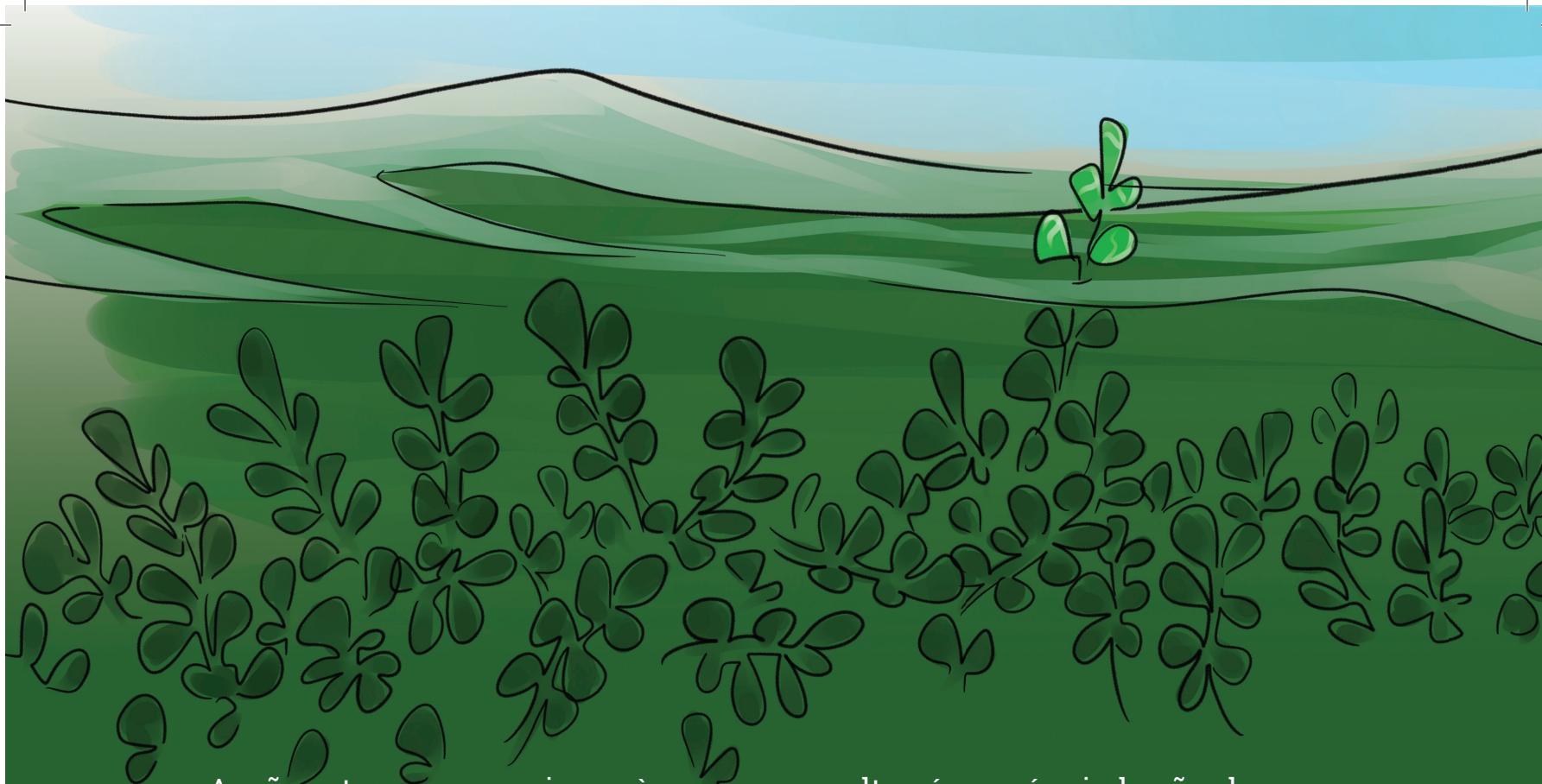
O Rio Xingu e as “algas de março”

(Crônica)

Na manhã da quarta-feira de Cinzas, mês de fevereiro, saí com minha esposa em busca de terra queimada para fazer uma pequena horta. Saimos pela beira do rio em direção a um barracão velho de uma serraria. Entre conversa e outra sobre o que víamos lembrávamo-nos de nossa infância nas beiradas do Xingu. De tudo, retiramos lições interessantes! E que me motivou a escrever sobre isso. Depois do velho barracão, em meio à paisagem natural estava a “Praia do Urubu”, solitária e linda a abraçar os moirões de um velho trapiche que ainda resistiam à passagem do tempo! O destaque do cenário: em cada moirão um pássaro repousava. Bem-te-vis, gaivotas, quero-queros e tantos outros que faziam a alegria daquela manhã. No conjunto daquela paisagem linda que me enchia os olhos estava o estonteante Rio Xingu! E, curiosamente, percebi que naquele momento se encontrava manso! Sem banheiro algum; veio então em minha mente uma pergunta: Será que era para este rio estar tão manso assim? Mesmo assim, me conformei.

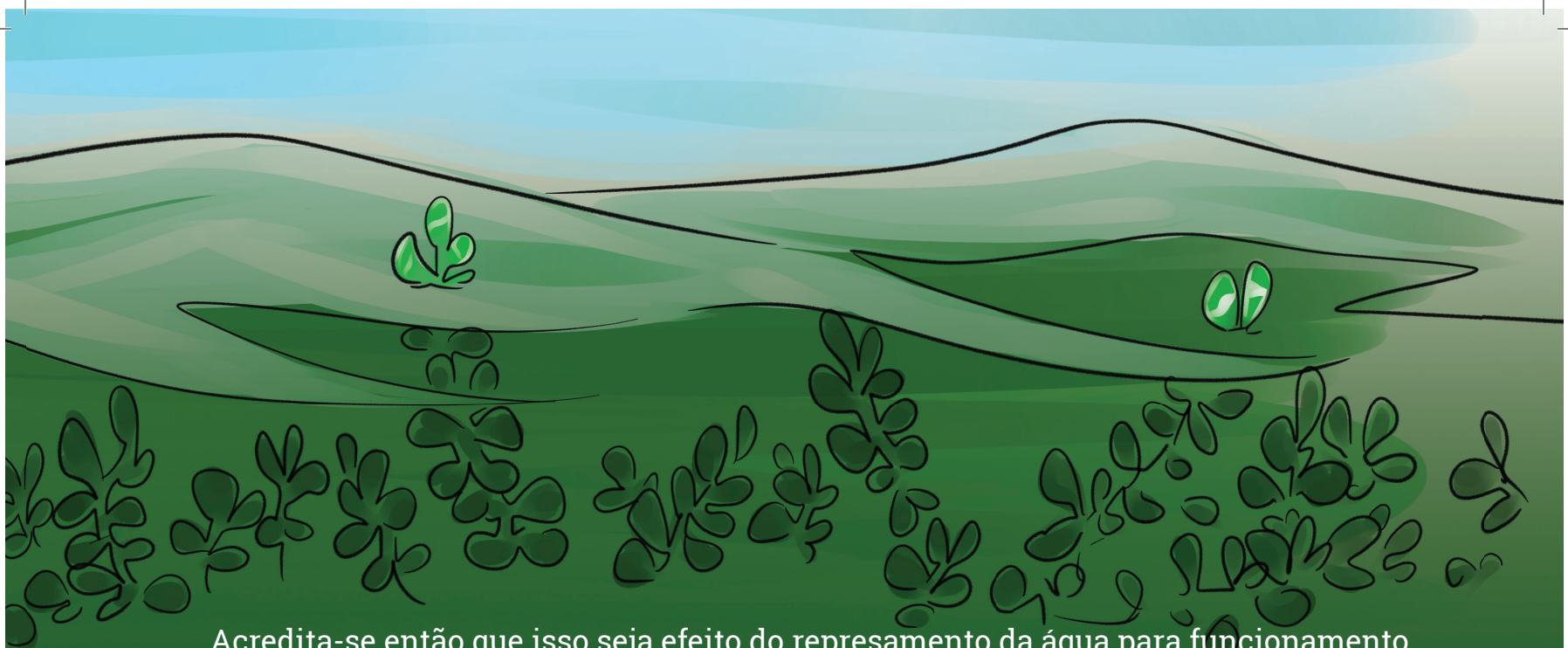






A mãe natureza, por mais que às vezes se revolte, cá pra nós ainda não chegou essa hora! Nem há de chegar... A água do rio estava tão calma, que em certos lugares dava pra ver a areia no fundo, isso, quando a alga verde deixava. Aí foi que compreendi o que meu compadre que é pescador havia me dito. – “Meu compadre tem tanta alga verde no rio que não dá para pescar direito”. Naquele instante fiz uma rápida reflexão: meu compadre tem razão, o Rio Xingu está cheio de alga verde em toda sua extensão.

Outro dia fazendo hidroginástica na “Praia do Leme”, considerada como cartão postal da cidade de Souzel se percebeu que lá também a água estava cheia de algas verdes. Que pena! O Rio Xingu, já foi mais belo, mais cheio principalmente em fevereiro, pois a água começa a encher por essas bandas, no mês de janeiro.



Acredita-se então que isso seja efeito do represamento da água para funcionamento das turbinas da UHEa Belo Monte em que a água não tenha sido suficiente para encher o rio como em outros tempos. Com isso, a água não cresce e fica cheia de algas verde. Nesta época do ano, em outros tempos, tanto a Praia do Urubu, quanto a Praia do Leme já estavam quase todas submersas e o rio apresentava uma fartura de peixes.

Agora, pescar, principalmente o famoso Caratinga, peixe símbolo da cidade de Souzel, ficou mais difícil. Nosso medo é que a água nunca mais possa crescer, como antes e que o rio vá diminuindo de forma que ao longo do tempo ele possa diminuir igualmente aconteceu com o rio Tietê em São Paulo, que se encontra abaixo do nível e vem ocasionando a maior crise hídrica de todos os tempos!!! É, meu compadre!! Esse é o preço do progresso!! Será que vamos ter que conviver com essas "algas de março" que parece querer fechar o nosso verão!??

Luiz Pena
Acadêmico de Letras – Parfor – UFPA – Senador José Porfírio. Turma: 2014.



Meu Lugar é Assim

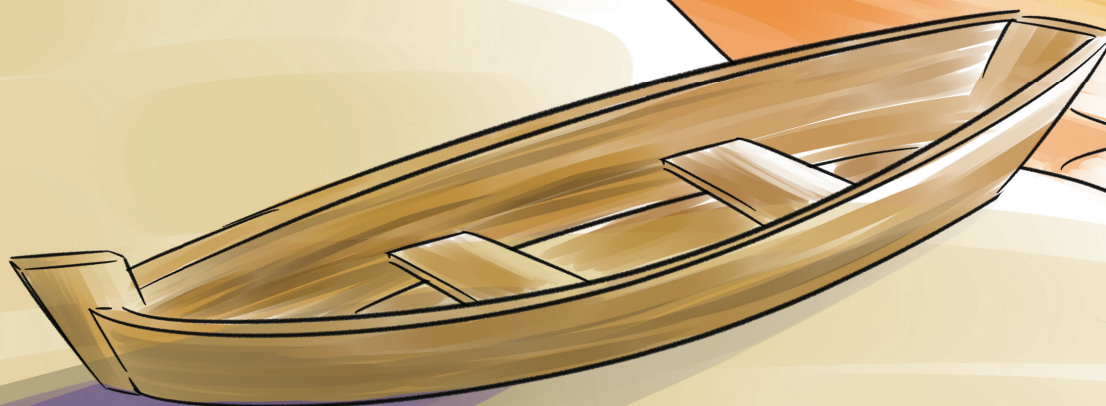
(Poema)

O lugar onde vivo tem seus defeitos.
Mas como toda cidade, tem suas qualidades.
Nela tem a felicidade.
De saber que temos aonde nos divertir.
Nas praias fazemos amizades.
Vem gente de todo lugar.
Para comemorar.



A hand with green skin and a white ruffled cuff holds a large, bright yellow sun with a green ring around its center. The sun is positioned in the upper left corner of the page.

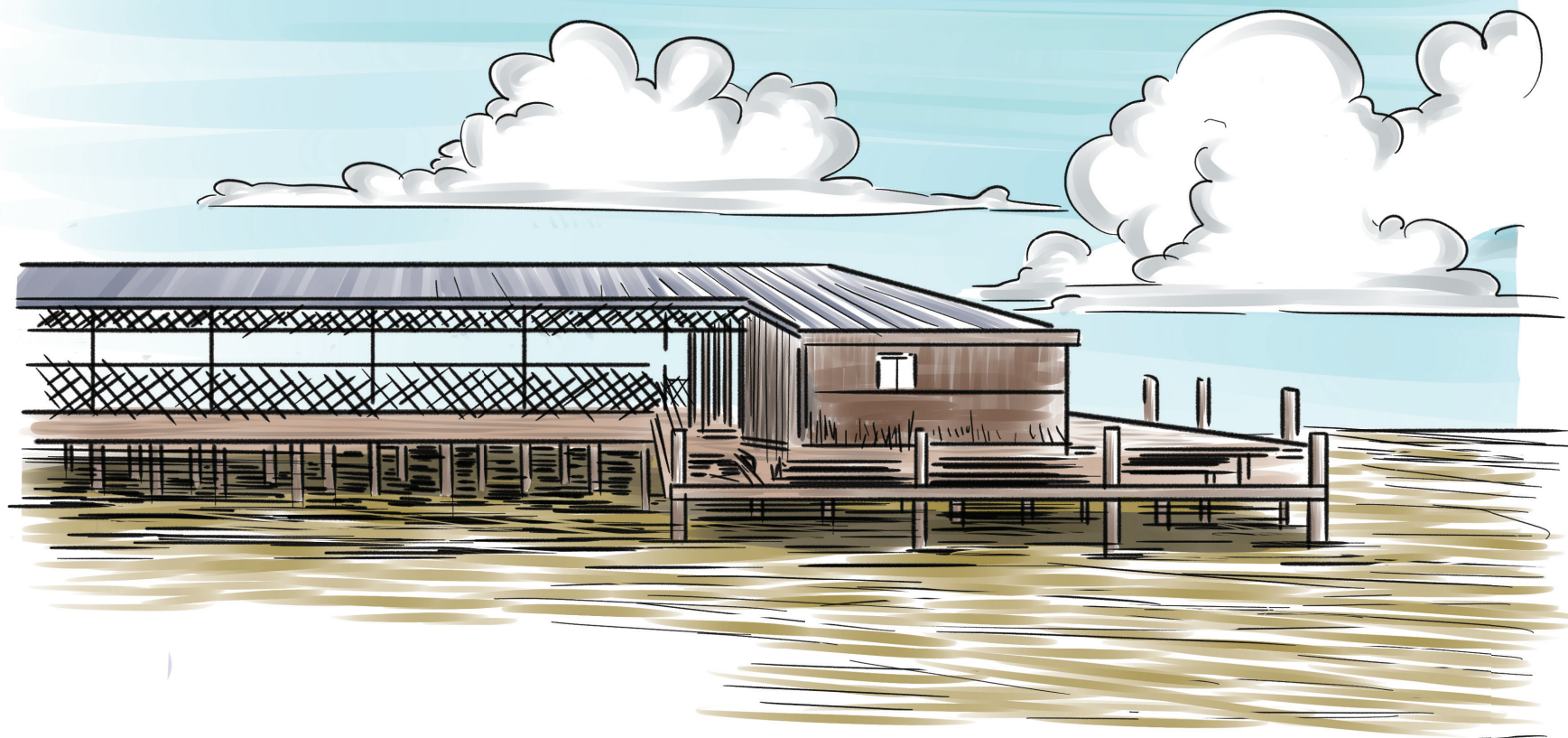
A tão esperada festa.
Que ganhou o nome de Festival do
Caratinga.
Aqui temos povos e pessoas humildes.
E não se envergonham de dizer.
Que leva a vida com dificuldade.
Mais com muito orgulho no coração.
De dizer: sou Souzelense.
O lugar onde vivo.



Conhecido por suas mais belas paisagens.
Suas mais belas margens.
E suas imagens.
Que quando visitantes chegam.
Encantam-se com tanta beleza.
Beleza que Deus lhes deu.
Souzel! Aqui temos a liberdade.
Que traz a felicidade.

Saber que aqui somos livres para andar nas ruas.
Sem se preocupar.
Com quem vai lhe abordar.
E que somos felizes.
De saber que em Souzel moramos.
E nos orgulhamos.
O lugar onde vivo.





Senador José Porfírio.
Tem suas riquezas.
Também tem suas fraquezas.
Aqui não temos minas de pedras valiosas.
Mais temos nossa paisagem.
Que para nós, vale muito mais.
Que qualquer valor material.
Assim é Souzel.

Estudante: Gabriela Vailante
Série/Ano: 8º Ano
Escola: EMEF Rosa Alvarez Rebelo



A febre do ouro na Ressaca

Lembro-me como se fosse hoje, o dia em que aqui cheguei, parece que o tempo não passou. Foi no ano de 1988 a minha chegada neste lugar, naquele tempo havia somente uma pequena trilha que nos levava até uma vila, onde havia muitos cabarés (lugar de prostituição) do que casas de moradores. A principal fonte econômica da Ressaca (Vila, Distrito de Senador José Porfírio), naquele tempo era a exploração de ouro, uma verdadeira febre. Eram encontrados muitos “frisos” de ouro (veia de ouro localizada dentro de uma rocha) por nós garimpeiros. Dinheiro não faltava! Foi um tempo de muita fartura e festas, e muitas mulheres bonitas. Os cabarés eram as principais atrações, eles eram o lugar aonde íamos nos divertir e gastar todo nosso “suado” ouro. Ali passávamos a noite toda, e no outro dia, com muita ressaca, principalmente eu, voltava ao trabalho de garimpagem. Eu ficava sempre na “chupadeira” (máquina que tira a terra em forma de um jato d’água).







Outras pessoas ficavam na “maraca” (lugar onde cai a terra e pedras cheias de ouro durante a exploração), assim, passávamos o dia inteiro dentro de um túnel (grande buraco).

O lucro do trabalho na exploração do minério era muito bom, todos que trabalhavam naquele serviço “nadavam em dinheiro”, ou melhor, em ouro, porém, a maioria não soube investir o dinheiro que ganhou, gastavam todo com pinga.

Mas não era só alegria, passei também por vários momentos tristes um desses momentos de tristeza foi à perda de meu parceiro de garimpo: o Chico Preto, que faleceu, assim como tantos, quando um barranco desabou em cima dele. Minha tristeza foi porque tentei ajudá-lo, porém não conseguir salvar sua vida. Hoje a Vila Ressaca não vive mais aquela grande movimentação do auge do ouro, contudo, possui até uma rua pavimentada e a energia aqui também chegou. Mas, lamento profundamente, pois, com a chegada da empresa Belo Sun, a intensa exploração do ouro foi proibida, deixando assim, muitas famílias desamparadas e meu temor é que não possamos continuar por muito tempo aqui morando. Por essas e outras situações, meu coração se enche de tristezas e a principal é ter que abandonar esse lugar, tão querido, tão legal, no qual passei muito tempo. Aqui criei meus filhos e plantei muitas esperanças.

Estudante: Jeferson da Silva Mesquita

Série/Ano: 8º Ano

Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Rebelo Vila Ressaca

Entrevistado: Genilson Rabelo Mesquita, 49 anos de idade.





A Bolha

Eu vivia em uma bolha.
Limitado e exilado.
Era um paradoxo natural.

Em frente ao capital eu admirava as
vitrines.
Tanta beleza, tanto brilho;
Tão normal, mas, que eu não tinha.

Onde está este prestígio?
Onde está este belo avanço?
Que se encontra além do vidro;
Mas, que aqui não tenho visto.

Eu já havia me acomodado;
Em minha bolha - que era tão limitada -;
Esperando frustrado, tão distinto do
mundo tecnológico;
Século XXI.



Um dia fui surpreendido;
Quando algo eletrizou;
Estourando, explodindo;
Minha bolha de exílio.

Era energia, era esperança;
Alimentando minha ânsia;
Saciando minha sede;
Hidroelétrico era o alfinete.



David Willian Silva.

Referências

CLARA, Regina Andrade. Caderno do Professor. **Olimpíada de Língua Portuguesa. Escrevendo o Futuro.** Memórias (Gênero literário), 4ª Edição, São Paulo, 2014.